

TRANSCRIÇÃO: UM CASAMENTO DA ÉPOCA¹²⁸

Peça publicada no livro “*Melhor que o melhor dos sonhos*”:
*Casamento e ordem social na prosa inicial de Machado de
Assis e no teatro realista brasileiro*, de Amanda Rios Herane.
São Paulo: Editora Dialética, 2021.

[fl.1]

[licença de representação:

Pode representar-se em qualquer dos teatros desta Capital
Rio de Janeiro, 12 de abril, 1862
Doutor Duque Estrada, V.P.
Visto, 6 de maio de 1862
assinatura]

Um casamento da época
drama em cinco atos
por
Constantino do Amaral Tavares
[rasurado: natural da Bahia]

Representada pela primeira vez no teatro do Ginásio do Rio de Janeiro,
em maio de 1862

128 O manuscrito da peça consta do acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil, instituição à qual agradeço por ter me permitido consultar a obra. Referência completa do documento: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Fundo Manuscritos, Documentos Literários e iconográficos, 19,01,040 nº002. Realizei a transcrição integral do manuscrito, com grafia atualizada, sem pretensão de precisão paleográfica. A pontuação foi mantida conforme o texto original (com a exceção das rubricas, cuja pontuação foi padronizada). O documento original (que está incluído no interior de um caderno maior) não estava numerado, de modo que lhe atribuí ordenação em fólhos, iniciando pelo fl.1, para melhor organização da transcrição.

[fl.2]

Personagens

| | | |
|-------------------------|---------|-------------------------|
| O brigadeiro Sepúlveda | 48 anos | Pedro Joaquim |
| Carlos | 27 anos | Gonçalves |
| Moncorvo | 32 anos | Reis |
| Eduardo | 28 anos | [Amoedo] Pimentel |
| Henrique | 28 anos | Freitas |
| Elvira | 20 anos | Adelaide |
| Clotilde | 24 anos | Júlia [ilegível] |
| Baronesa de São João | 47 anos | Clélia |
| Viscondessa de Campinas | 42 anos | Clotilde |
| Joana | 19 anos | [ilegível] Lima N.N. |

Uma menina de 5 para seis anos - Criados

A cena passa-se no Rio de Janeiro nos anos de 1844 a 1850.

Ob. As idades referem-se ao 1º ato.

[fl.3]

Ato 1º
(ano de 1844)

Sala em casa do brigadeiro. Duas portas à direita correspondendo a do 1º plano ao interior; a do 2º à sala de espera; duas janelas à esquerda; porta ao fundo, comunicando para a sala de visitas: sofás, consolos, cadeiras etc. São cinco horas da tarde: o dia principia a declinar.

Cena 1ª
Elvira e a baronesa

Elvira - *(encostada a uma janela, contemplando meditativa a tarde e falando à baronesa, que um pouco mais afastada olha também da janela*

para fora) Não tarda soar a hora, em que arrastada por meu pai irei aos pés do altar proferir um juramento sacrílego.

[fl.3v.] Baronesa – E que hás de fazer? Teu pai pede-te...

Elvira – Meu pai não me pede. Obrigá-me.

Baronesa – Não diga isso, porque, se ele te ouvisse, havia de doer-se e seria mau que fosses tu quem lhe procurasse dissabores.

Elvira – (*recolhendo-se da janela*) Porém, madrinha, ignora porventura meu pai que aborreço o homem, a quem me quer unir? Não lho teria dito mil vezes?... Mas é impossível que eu diga que sim, quando o padre exigir o juramento fatal!

Baronesa – Estás louca, Elvira? Queres dar um escândalo público? Não te lembrás das calúnias de que infalivelmente serás vítima?

Elvira – Porém, meu Deus! que hei de então fazer? Vivo no meio de minha família rodeada senão de inimigos, pelo menos de indiferentes. Minha mãe [fl.4] que me pudera valer, é morta; meu pai num casamento só vê a felicidade provindo da riqueza; meu irmão, apesar de amar-me muito, quer a todo custo unir-me ao seu amigo. A quem hei de recorrer?

Baronesa – Tens razão; mas disseste a teu pai que sim e não podes mais recuar.

Elvira – Oh! madrinha, não diga que há ocasião tardia para um pai remover a desgraça, que pende sobre seu filho. E como foi que assenti em casar-me com o Sr. Moncorvo? Atormentada pelas palavras ásperas de meu pai e pela insistência de Henrique, cedi, disse que sim, enquanto o coração repugnava contra o que os lábios pronunciavam.

Baronesa – Consuma, pois, o sacrifício e resigna-te, porque não há meio de fugir.

[fl.4v.] Elvira – Contraído debaixo de tais auspícios o meu casamento, que vida se me antolha, madrinha, e que vida sonhava eu, casando-me com Eduardo! Meu Deus! Por que razão recebo este castigo?..

Baronesa – Concordo contigo. Quando fiando-te na amizade, que te dedico, desde que nasceste, revelaste-me o segredo de teu amor por Eduardo, consultando-me a respeito, aprovei-o, porque nesse moço reconheço as melhores qualidades. Advoguei a sua causa, quando se tratou do Sr. Moncorvo; minha voz, porém, foi fraca: teu pai obstinou-se e finalmente deste o teu consentimento. Que resta? Resignares-te, repito. Os motivos por que teu pai tanto deseja este casamento, ignoro-os...

Elvira – (*sorrindo*) São muito simples. O Sr. [fl.5] Moncorvo tem uma fortuna superior a trezentos contos de réis, segundo me asseveraram quando quiseram convencer-me da bondade do casamento. Creio que só nisto há motivos de sobejo.

Baronesa – Elvira, esse modo de exprimir-te acerca de teu pai é inconveniente e assenta mal em uma moça bem-educada. Um filho não pode julgar ignóbeis as intenções de seu pai.

Elvira – Compreendo-o, madrinha, e peço-lhe perdão de me haver talvez excedido. Não poucas vezes me arrependo do que digo. Mas desespere sempre que penso na maneira atroz, por que me sacrificam.

Cena 2ª

As mesmas, Henrique e Carlos pelo fundo

Henrique – Elvira, permite-me que no teu mais faus- [fl.5v.] toso dia apresente-te o meu amigo o Sr. Carlos Morato da Silva.

Carlos – Henrique satisfaz o desejo, que, há muito, eu nutria de ser por Vossa Excelência conhecido.

Elvira – Meu irmão sabia perfeitamente que, sendo o Sr. Morato seu amigo, muita satisfação teria em conhecê-lo.

Henrique – (*apresentando*) O Sr. Carlos Morato da Silva, a Sr.ª baronesa de S. João. (*os dois cumprimentam-se em silêncio*) Não te parece, Carlos, que Moncorvo vai possuir uma prenda de inestimável preço? (*apontando para a irmã*)

Carlos – Repetes o meu pensamento.

Elvira – Não dê atenção ao que diz Henrique, Sr. Morato.

Carlos – O que assevero a Vossa Excelência é que se a inveja não fosse um dos pecados, que mais nossa religião condena, Moncorvo teria em mim um constante e im- [fl.6] pertinente invejoso.

Elvira – Já vejo que o senhor é muito lisonjeiro.

Carlos – Digo apenas a verdade.

Elvira – O que me é possível conceder é que o senhor pensa dizer a verdade, mas não a diz. Permita-me, porém, que me retire para acabar de tocar-me. (*vênia de Carlos*) O senhor demora-se, não é assim?

Carlos – Infalivelmente.

Elvira – Então até já. Vamos, madrinha?

Baronesa – Vamos, minha filha. (*saem as duas*)

Carlos – (*estendendo-se um uma poltrona*) Realmente é muito bonita tua irmã e a fascinação de um formoso rosto é a única desculpa, que encontro, para um homem casar-se. Passemos, porém, ao que importa. Como vamos de amores?

Henrique – Em que sentido perguntas?

Carlos – Ora em que sentido! Em todos os sentidos.

[fl.6v.] Henrique – Pelo lado dela perfeitamente, mas pelo lado dele...

Carlos – Deu-lhe agora para..?

Henrique – É uma crise. Nestes últimos dias tem-me feito cara feia.

Carlos – Toma cuidado com algum *guet-apens* ao virar da esquina.

Henrique – Pode ser, mas duvido. Assim que passar a crise, a qual, segundo a opinião de peritos, é momentânea, passam-lhe os zelos e continuamos na antiga *entente cordiale*.

Carlos – Fia-te e depois dize que o diabo te enganou. E demais sabes... (o *brigadeiro aparece à porta*)

Henrique – Aí vem meu pai. Já lhe foste apresentado?

Carlos – Já: em um dos últimos bailes do Cassino.

[fl.7]

Cena 3ª

Os mesmos e o brigadeiro

Brigadeiro – (*traja de preto com a comenda de Cristo*) Como tem passado, Sr. Morato? Folgo muito de vê-lo hoje em minha casa.

Carlos – É bondade de Vossa Excelência. Henrique fez-me a honra de convidar-me para assistir à cerimônia e o convite era demasiado obsequioso, para que eu o recusasse.

Brigadeiro – Os tempos estão mudados, ou antes sou eu quem o está. No meu tempo não ia a casamentos.

Carlos – E por quê?

Brigadeiro – (*sorrindo*) Não sei bem: achava o que quer que era de risível em ver um homem voluntariamente encadear-se por toda vida. Hoje, ao contrário, gosto até de ver. (*a Henrique*) Que é feito de tua irmã?

[fl.7v.] Henrique – Saiu, há pouco, daqui para acabar de tocar-se.

Brigadeiro – (*consultando o relógio*) Vão sendo horas. Parece que parou um carro: vê quem é.

Henrique – (*chegando à janela*) É a senhora do conselheiro Almeida.

Brigadeiro – Vai recebê-la. (*sai Henrique*) E o senhor não se tenta com o exemplo?

Carlos – Não, senhor: tenho princípios um pouco esdrúxulos acerca do casamento.

Brigadeiro – Já sei: o senhor pensa com a mocidade progressista que o casamento é um absurdo estúpido.

Carlos – Não absolutamente: conforme as circunstâncias.

[fl.8]

Cena 4ª

Os mesmos e Clotilde pelo braço de Henrique

Clotilde – (*dando a mão esquerda ao brigadeiro, que a beija*) Venho queixar-me de seu filho, general. (*cumprimenta secamente a Carlos, que lhe retribui graciosamente*)

Brigadeiro – Que crime de lesa-beleza cometeu ele?

Clotilde – É mentiroso e adulator.

Brigadeiro – Mas a quem adulou e mentiu?

Clotilde – Desde que me apeei até aqui tem-me enchido os ouvidos de falsidades.

Brigadeiro – Se ele disse que Vossa Excelência era não só a mais bela, como ainda a mais elegante dama do Rio de Janeiro, foi apenas eco da opinião pública.

Clotilde – Creio que o defeito é de família.

Carlos – O defeito não é peculiar a alguém, é de todos que a conhecem. (*Clotilde não lhe presta atenção*)

[fl.8v.] Brigadeiro – Veja a senhora o que é ser velho, tenho-a deixado de pé sem oferecer-lhe uma cadeira. (*faz movimento para a ir buscar*)

Clotilde – Obrigada, Sr. General, não se incomode. O que desejo é ver a noiva.

Brigadeiro – Ela não pode tardar.

Clotilde – Quero pedir-lhe um cravo para uma amiga que morre por casar-se e que ainda não achou marido.

Carlos – É que essa raça já se vai extinguindo.

Brigadeiro – É bonita?

Clotilde – Em honra à verdade devo confessar que a formosura foi pouco generosa com ela.

Henrique – Então não admira.

Carlos – Também não é o essencial: quanto tem de dote?

Clotilde – Já tenho dito que o senhor é insuportável.

Carlos – É um crédito de franqueza que Vossa Excelência me deve.

[fl.9]

Cena 5ª

Os mesmos e a viscondessa pelo braço de Eduardo – fundo

Viscondessa – Já me não admiro de sua ausência, brigadeiro. Está em boa companhia, junto de uma moça bonita e esquece-se de tudo, até que, há muito, passaram os seus anos de moço.

Brigadeiro – Por infelicidade nossa, viscondessa!

Viscondessa – Olhem o traidor como denuncia os meus quarenta e dois!

Clotilde – Perdoe-me, Sr.^a Viscondessa; mas ainda que pareça vaidade minha repisar a questão, não devo consentir que passe sem protesto formal o que Vossa Excelência acaba de dizer.

Viscondessa – Então que disse eu que mereça as honras de um protesto?

Clotilde – Que a ausência do Sr. Brigadeiro no salão era mo- [fl.9v.] tivada pela minha presença nesta sala.

Viscondessa – A senhora não o conhece: isto é um velho gamenho e ainda me recordo de suas cavalarias de outro tempo.

Brigadeiro – E a consciência não a acusa?

Viscondessa – (*rindo*) Que importa?.. Mas por onde anda a minha afilhada? Todos perguntam dela, menos o noivo.

Clotilde – Acabo de pedir notícias suas.

Brigadeiro – Está se aprontando para melhor parecer ao noivo e em dias, como o de hoje, é isso muito séria ocupação. Não é assim, D. Clotilde?

Clotilde – Decerto, Sr. Brigadeiro, mas Elvira não precisa de socorrer-se à arte: tem atrativos de sobra. Que diz, Eduardo?

Eduardo – Que Vossa Excelência tem sempre razão.

Carlos – Com que cara está Eduardo! (*a Henrique*)

[fl.10] Henrique – Cara de namorado sem ventura.

Carlos – Pois... (*continua a falar em voz baixa a Henrique. O brigadeiro conversa com a viscondessa.*)

Clotilde – (*a Eduardo*) Tenho uma longa conta a saldar com o senhor.

Eduardo – Comigo? Vossa Excelência sabe que estou sempre às ordens do seu menor aceno.

Clotilde – Há quanto tempo não vai à nossa casa? É verdade que me não devo queixar, porque entro na regra geral e o senhor tem inteiramente desaparecido da sociedade, que frequentava.

Eduardo – Oh! minha senhora! É muito lisonjeiro ao meu amor-próprio o ter Vossa Excelência notado a minha ausência.

Carlos – (*a Henrique*) Tem razão, porque a peça é furiosa.

Clotilde – Tem estado doente? Acho-o pálido.

Eduardo – É sem causa: nunca passei tão bem.

[fl.10v.] Clotilde – (*sorrindo*) Ah! Sr. Doutor, se eu tivesse deixado à minha disposição um Asmodeu...

Eduardo – (*sorrindo também*) Que faria?

Viscondessa – E quando é a viagem?

Brigadeiro – Ainda não sei precisamente: talvez no paquete de Junho ou Julho. Dizem os médicos que os ares do meio-dia da Europa far-me-ão bem. Mas esta conversa é pouco própria para um dia de noivado. Já viu como mandei arranjar a varanda e o terraço?

Viscondessa – Ainda não.

Brigadeiro – Venha ver. (*a Eduardo*) Sr. Doutor, permite que lhe roube seu par?

Eduardo – Oh! Sr. Brigadeiro!..

Viscondessa – O Sr. Doutor é que há de agradecer o livrá-lo de uma velha.

Eduardo – Por favor, Sr.^a Viscondessa!.. Vossa Excelência faz-me [fl.11] uma danosa injustiça: eu honro-me quando a tenho pelo meu braço.

Brigadeiro – O que ela queria era um cumprimento (*a viscondessa ameaça-o, rindo, com o leque, o brigadeiro dá-lhe o braço e fala para Clotilde*)

D. Clotilde, deixo-a com estes moços, que decerto dir-lhe-ão coisas mais bonitas que um velho soldado inválido.

Clotilde – O que sei é que não conheço mais completo cavaleiro do que Vossa Excelência.

Viscondessa – (*chacoteando*) Então sou eu quem quer cumprimentos?

Brigadeiro – Depois daquela ironia venha sua risada. (*Saem ambos conversando.*)

Clotilde – (*abanando-se*) Que calor! O Rio de Janeiro abrasa no mês de fevereiro.

Henrique – Temos ainda tempo antes da cerimônia [fl.11v.] de dar uma volta pelo jardim, se Vossa Excelência o deseja.

Clotilde – Com muito prazer. (*toma o braço de Henrique na ocasião em*

que Carlos oferece-lhe o seu) Tenho-lhe dito muitas vezes que o detesto, Sr. Morato, e agora o repito.

Carlos – Vossa Excelência confunde-me dessa maneira. *(os dois vão saindo)* Não vens, Eduardo?

Eduardo – Não; estou um pouco incomodado. *(Carlos corre para junto de Clotilde)*

Carlos – Creio que Vossa Excelência me não proibira de acompanhá-la para continuar a gozar de sua amabilidade. *(Clotilde dá-lhe as costas e conversa com Henrique. Saem os três.)*

Eduardo – *(só, encostado a um consolo)* Meu Deus! de que cena hei de ser testemunha! Vê-la jurar que se esquecerá até de minha lembrança, que serei para ela um indiferente, um desconhe- [fl.12] cido, uma dessas figuras, que vimos uma vez na multidão e que nunca mais tornamos a ver!.. É superior às minhas forças! Retirar-me... e o ridículo e os epigramas que minha saída desafiará?!

Cena 6ª

Eduardo e Elvira

Elvira – *(parando à porta da direita B)* Eduardo!

Eduardo – *(surpreendido)* Ordena alguma coisa?

Elvira – *(avançando para a cena)* Por que me falas com tanta frieza?

Eduardo – Permitirá que eu julgue a pergunta pelo menos estranha.

Elvira – *(com dor)* Meu Deus! Todos me abandonam, todos me atormentam!

Eduardo – Não, senhora, eu nem a abandonei, nem quero [fl.12v.] atormentá-la: procuro, sim, evitar o que me pode afligir.

Elvira – Havia de chegar o dia, Eduardo, em que minha presença fosse para ti um motivo de aflição e de incômodo!

Eduardo – Desculpe, se me retiro. Uma conversação entre nós dois a sós no dia de hoje é fora de todas as conveniências.

Elvira – Espera um pouco, Eduardo; não te retires ainda.

Eduardo – Que mais quer a senhora? Exigiu tudo de mim e tudo lhe sacrifiquei – o meu amor, a minha felicidade, a minha vida.

Elvira – Mas qual é a minha culpa no que tem acontecido? Sabes quanto resisti, sabes que fiz quanto coube em minhas forças para fugir a tão odioso casamento e que tudo foi inútil.

[fl.13] Eduardo – Perdoe-me: a senhora não fez o que podia, porque recuou diante do passo, que lhe propus e que só poderia salvar-nos.

Elvira – Nem repitas isso. Eu abandonar meu pai!? Desonrá-lo!.. Nunca! E tu mesmo que confiança depositaras na mulher, que não tivera forças para resistir a esse pedido?.. E o mundo, Eduardo? Quererias que tua esposa fosse apontada, como tantas outras?

Eduardo – E que me importa o mundo? Que tenho eu com essa sociedade, que só tem sarcasmos para a desgraça e sorriso para quem os pode comprar ou sabe desprezá-los? (*Elvira chora*) Mas não é tarde: o carro, em que vim, pode conduzir-nos aonde nos aprouver. Vem, minha amada; fujamos desta casa, fujamos deste inferno, que nos ameaça e vamos gozar [fl.13v.] da felicidade, que nos promete o nosso amor.

Elvira – Não calculas quanto soffro! Se pudesses ler em meu coração; se pudesses ver o estado de minha alma, terias compaixão e me pouparias. Tenho esgotado tudo, lágrimas, pedidos, súplicas e nada obtive de meu pai a revogação desta minha sentença de morte. [sic.] Vou tentar ainda uma vez o que tantas já tem falhado e se ainda ele se recusar, então, Eduardo;... será um momento terrível, porém eu direi que – não, quando o padre me interrogar.

Eduardo – Elvira, minha boa Elvira! E terás tu coragem? Tu, fraca e tímida donzela, poderás arrostar tua família, a presença dos circunstantes, a sobriedade da hora?

Elvira – Lembrar-me-ei de ti e Deus me ajudará.

[fl.14] Eduardo – Quanto te amo!

Elvira – Agora retira-te. Não sei o que se vai passar e não quereria ver-te padecer por ti e por mim.

Eduardo – Pois bem, conquanto julgue que devera estar a teu lado para amparar-te em tão melindrosa ocasião, parto para obedecer-te. Vou cheio de cuidados, porém na esperança de que raiarão para nós dias melhores. Adeus. (*beija-lhe a mão*)

Elvira – Adeus, meu bom Eduardo; o céu te guie e me sustente. Que direi a meu pai?.. Se minha madrinha... mas quererá ela prestar-se?.. De qualquer maneira é necessária uma resolução (*chama para dentro*) Joana! Meu Deus! Meu Deus! Tende comiserção de uma desgraçada.

[fl.14v.] Joana – (*entrando*) Senhora!

Elvira – Diga à Sr.^a Baronesa que faça-me o favor de chegar até aqui... (*sai Joana*) Se ela se recusar... nesse caso irei eu mesma.

Cena 7ª
Elvira e a baronesa

Baronesa – Mandaste me chamar, Elvira?

Elvira – Sim, senhora, quero pedir-lhe um obséquo.

Baronesa – Que é?

Elvira – Ainda há poucos momentos, conversamos sobre a sorte, que me espera neste casamento. Se me sujeito a ele, sou uma mulher desgraçada e creio que Deus a ninguém outorgou o direito de infelicitar ao seu semelhante. O meio de livrar-me desta união, eu o tenho, mas usar dele é desonrar minha família.

[fl.15] Baronesa – E que esperas de mim?

Elvira – Que vá falar a meu pai outra vez, que interponha a sua boa amizade para salvar-me.

Baronesa – Minha filha, acalma-te: a ocasião é crítica e vale a pena de pensar-se nela. Sempre fui tua amiga e já o era de tua mãe antes de nasceres: quase que foste criada e educada em minha companhia. Vê, pois, se desejarei ou não ver-te feliz. Dize-me, porém: queres que eu vá a teu pai obrigá-lo a retroceder de sua palavra, quando só falta que compareças no altar, para que o ato se consuma? Julgas que seja sensato esse pedido?

Elvira – Pensava que a senhora seria a última pessoa, que me abandonasse.

Baronesa – Minha filha; não estás em ti, e é a razão por que não discorres, como eu.

[fl.15v.] Elvira – Então irei eu mesma procurar meu pai e, haja o que houver, não me levarão para o altar.

Baronesa – Menina, és uma louca e dou provas de sê-lo também, acedendo ao teu desejo. Mas para que não te persuadas de que, como outro te abandono, falarei a teu pai, conquanto saiba perfeitamente que a sua resposta será uma negativa. Retira-te e manda preveni-lo de que o espero aqui.

Elvira – (*beijando-lhe a mão*) Dever-lhe-ei mais do que a vida.

Baronesa – Vai, minha filha, e pede a Deus que dê virtude às minhas palavras, porque eu nenhuma fé tenho nelas. (*empurra-a brandamente e ela sai*) Pobre vítima, a quem vão sacrificar sobre alguns montes de dinheiro!

[fl.16] Inconcebível cegueira de certos pais, que pensam cumprir os deveres impostos pela natureza, recamando suas filhas de ouro!

Cena 8ª
A baronesa e o brigadeiro

Brigadeiro – Principio, dizendo-lhe que não, porque adivinho o que quer.

Baronesa – Não gracieje, porque o objeto, de que vou tratar, é muito sério.

Brigadeiro – Viu? O tom, ao menos, é categórico. Pois vamos ao tal negócio muito sério.

Baronesa – Qual o seu fim, casando Elvira?

Brigadeiro – A resposta está na pergunta – casá-la.

Baronesa – Já lhe disse que falava muito seriamente.

Brigadeiro – E assim também estou falando.

[fl.16v.] Baronesa – Repito: qual é o seu fim, casando Elvira com o Sr. Moncorvo?

Brigadeiro – Até onde a senhora quer atingir não sei, mas devo responder ao que me pergunta. Julgo fazer um bom casamento para minha filha. Esmerei-me em dar-lhe boa educação, mas não era tudo. Minha mulher já não vive; eu estou velho e é necessário que Elvira, por minha morte, não fique ao desamparo, pois Henrique, militar, como é, não pode velar sobre ela. Moncorvo é um moço rico e ela ficará resguardada dos golpes da sorte.

Baronesa – Acho-lhe razão em tudo e tudo aprovaria, se houvesse mudança de um nome. Quando se tratou deste casamento, reprovei-o, porque o Sr. Moncorvo, segundo me constava [fl.17] por pessoas seguras, só tem um merecimento e é possuir não sei quantas centenas de contos de réis. Homem de maus costumes, nunca poderá ser um bom marido: o que espera, pois, o senhor, casando sua filha com ele?

Brigadeiro – Algumas extravagâncias de rapaz, é quanto se lhe pode notar; mas, casado que seja, há de corrigir-se.

Baronesa – É essa uma frase banal sempre repetida e sempre desmentida pela experiência. O Sr. Moncorvo continuará tal qual é e Elvira irá aumentar o número das mulheres mal casadas.

Brigadeiro – E que lhe parece que se deva fazer?

Baronesa – Romper o casamento. (*gesto de admiração do general*) Reconheço que o passo é difícil, muito difícil; mas é necessário. Se vemos todos os dias [fl.17v.] que os casamentos formados pelos votos do coração muito poucas vezes são felizes, como tem-se a esperança de que o sejam aqueles, que têm por mira unicamente o interesse?

Brigadeiro – Sr.^a Baronesa, de minhas intenções acerca da vida futura de meus filhos nem a senhora, nem pessoa alguma tem o direito de duvidar.

Baronesa – Nem eu...

Brigadeiro – Perdão: permita-me concluir. Procurava para Elvira um noivo, que tivesse os requisitos necessários para fazê-la feliz e parece-me que o Moncorvo está no caso. Tem algumas loucuras de rapaz, não contesto, tem gasto muito de sua fortuna, não duvido; e qual o homem que pode vangloriar-se de que nunca foi extravagante? Logo que case, há de [fl.18] mudar, porque a sua índole é boa.

Baronesa – É essa uma esperança fútil e sem fundamento e o senhor há de chorar lágrimas de sangue sem poder minorar os males de sua filha.

Brigadeiro – Em suma, Sr.^a Baronesa, o casamento há de efetuar-se, não só, porque o julgo conveniente, como também porque rompê-lo seria o maior dos escândalos. A esse respeito nada há a fazer-se mais.

Baronesa – Brigadeiro, sempre fomos amigos e o passo, que acabo de dar, prova-lhe o interesse, que tomo, pelo que lhe pertence e talvez que na hora do seu arrependimento lembre-se das palavras, que lhe digo hoje – Elvira vai ser uma mulher desgraçada.

Brigadeiro – Creio que temos terminado. Quando me arrepender, não hei de ir pedir-lhe consolações (*voltando-se vê Elvira pálida à porta da direita B*). Não estás [fl.18v.] ainda pronta, Elvira? São horas de irmos para o altar.

Cena 9^a

Os mesmos e Elvira

Elvira – Meu pai! Meu pai! Tenha compaixão de sua filha!

Brigadeiro – Só implora compaixão quem necessita dela e não estás neste caso. Minha filha, sê razoável. Tens contra este casamento prevenções injustas, que nada valem e que talvez não sejam nascidas em teu espírito, mas, sim, no de alguém, que as inoculou em ti, ignoro com que fins.

Baronesa – Sr. Brigadeiro, por acaso dirigir-se-á o senhor a mim?

Brigadeiro – É à minha filha que me dirijo, Sr.^a Baronesa, e creio que não quererá contestar-me [fl.19] também este direito. Elvira, o casamento há de fazer-se: vai acabar de aprontar-te.

Elvira – Meu pai... não sei como hei de dizer-lhe... meu pai, compadeça-se de sua filha!

Brigadeiro – Já te disse: vai acabar de aprontar-te.

Elvira – (*fora de si*) Meu pai, há outro homem, que eu amo, que me ama...

Brigadeiro – Quê! Levas a tua audácia ao ponto de quase ameaçares-me com um homem, que te ama?

Elvira – (*lançando-se-lhe aos pés*) Meu pai, pela memória de minha mãe atenda a que este casamento vai fazer a minha infelicidade.

Brigadeiro – Levante-se, senhora, e obedeça-me.

Elvira – (*levantando altivamente*) Meu pai, o senhor será responsável perante Deus pelo desespero, a que vou ser reduzida. Eu direi que – não – aos pés [fl.19v.] do altar.

Brigadeiro – (*avançando para ela e ameaçando-a com o braço levantado*) Desgraçada! Atrever-te-ás... (*a baronesa interpõe-se*)

Elvira – Ah! (*cai quase sem sentidos na poltrona, que lhe fica próxima; a baronesa chega-se para socorrê-la; a viscondessa, que aparece no fundo pelo braço de Henrique, corre para ela*)

Cai o pano.

[fl.20]

Ato 2º

(*três anos depois do 1º ato*)

Pequeno gabinete de costura e escrita de Elvira elegantemente decorado: duas portas à direita; a do 1º plano, comunicando para um quarto e a outra para o interior; porta ao fundo dando para uma sala. À esquerda quase à boca da cena uma escrivaninha. Costureiro, cadeiras de balanço, bancas etc. tudo da maior simplicidade e gosto.

São nove horas da noite: um pequeno candeeiro francês sobre a escrivaninha alumia a cena.

Cena 1ª

Elvira e Clotilde

Elvira – (*sentada e encostada à escrivaninha*) Que queres ?.. São maneiras de pensar.

[fl.20v.] Clotilde – (*balançando-se na cadeira e brincando com o leque*) Ora, minha cara, é o que te parece: um pequeno esforço de vontade e está tudo conseguido.

Elvira – Dizes isso de modo que quase fazes crer na possibilidade da execução.

Clotilde – Digo e digo uma verdade. Se corresse as coisas, como tu imaginas, decerto que nada seria mais fastidioso do que o casamento. Para que casa-se uma mulher? Somente para ouvir chorar crianças, aturar cozinheiros e sofrer as impertinências do marido? És na realidade muito ingênua!

Elvira – Convenho nessa minha ingenuidade, porém não posso convencer-me de que laços consagrados por Deus sejam uma mentira, quando não uma infâmia.

Clotilde – Qual mentira! Qual infâmia! É acei- [fl.20v.] tar o mundo tal qual é, e, não, querer reformá-lo. Para a mulher os prós do casamento [estão] nos adornos, nos bailes, na liberdade do pensamento e da palavra e no nenhum receio do resultado das ações. É possível que não seja muito ortodoxa esta minha doutrina; mas assim o entendo e, acredita-me, comigo faz coro muita gente boa.

Elvira – Clotilde, tu és um ente perigoso para quem te escuta.

Clotilde – (*rindo*) És uma criança. Estás casada, há três anos, pouco mais ou menos, és um tipo das virtudes domésticas e conjugais, e que fruto tens tirado?

Elvira – (*levantando-se*) Clotilde, hás de talvez rir, como costumás, do que vou dizer; mas não importa, ficar-me-ás conhecendo melhor. Não é mistério para ti [fl.20v.] que meu casamento com o Sr. Moncorvo foi feito contra minha vontade; foi o que se chama um bom casamento.

Clotilde – Sei-o perfeitamente.

Elvira – Eu amava outro homem e aborrecia de morte o que devia ser e é hoje meu marido.

Clotilde – Fato muito vulgar nos fatos da história dos casamentos. Adiante.

Elvira – Mas o que não sei se é muito vulgar é que não posso deixar de corar, quando vejo o homem que me deu a conhecer o que era a paixão; e se em tais circunstâncias meu marido fita em mim os olhos, eu abaixo os meus. O que sinto não te posso nem exprimir, mas parece-me que ele lê em meu coração; que descobre em minha alma os vestígios desse meu amor de menina [fl.21] solteira, desse meu belo sonho de donzela.

Clotilde – Teu marido? Tem muito esquisito para ocupar-se com essas frioleiras.

Elvira – Acanho-me e contrafaço-me em sua presença; penso que ele tem o direito de tornar desse meu antigo amor um crime e de mo imprimir na face como um estigma.

Clotilde – (*ri*) Tinhas razão em dizer que eu ia rir. Mas posso conter o riso, ouvindo estas preleções de moralidade matrimonial? Não te persuadas de que te aconselho a abandonares desses teus são princípios: Deus

me livre! (*levantando-se*) Sou de opinião diversa, mas não quero chamar-te para meu lado. Note-se, porém de passagem que entre mim e meu marido o negócio muda de figura. Eu devia casar-me com outro, que não cumpriu a sua [fl.21v.] palavra a pretexto não sei de que ninharia, e com a qual, entre parênteses, ainda não estou quite. Uma moça, porém, herdeira de uma grande fortuna, como eu era, não fica muito tempo sem marido. Apareceu-me logo um bem-aventurado. Daqui deves concluir que em minha casa não é (*ironicamente*) o meu senhor quem eleva mais a voz.

Elvira – Será uma felicidade, mas não ta invejo.

Clotilde – Respondo-te com o que me disseste há pouco: são maneiras de pensar.

Elvira – Todavia, para a confidência ser completa, devo ainda confessar-te que apesar do que acabo de dizer-te, há momentos, em que parece-me que perco a cabeça e fogem-me todas essas máximas de religião e pureza, que me ensinou minha mãe. Então considerando [fl.22] somente o que sofro, o que hei de talvez ainda sofrer, recordando-me dos motivos, que me conduziram a este poste de martírio, tenho ímpetos... nem sei de que... de lançar-me no mundo, de seguir os exemplos, que por aí vejo, de rebater as afrontas, que me faz meu marido, com outras tantas, que lhe vão saltar às faces. Felizmente são desvairamentos, que pouco duram e Deus me livre de que o contrário sucedesse.

Clotilde – (*ri*) Hás de cá chegar.

Elvira – Não; estou certa de que não.

Clotilde – É possível. Mas nesses teus desvairamentos, como apelidas, descubro os sintomas precursores.

[fl.22v.]

Cena 2^a
As mesmas e Moncorvo

Moncorvo – (*a Clotilde*) Se eu supusesse Vossa Excelência nesta sua casa, há muito que estaria de volta, somente para ter a honra de cumprimentá-la. (*ela dá-lhe a mão para apertar e ele beija-a galantemente*)

Clotilde – É demasiadamente lisonjeiro o que o senhor me diz para que possa acreditá-lo.

Moncorvo – E por quê? Não lhe provo todos os dias ser eu um dos seus mais constantes admiradores?

Clotilde – Cuidado, comendador! Repare que está quase fazendo-me uma declaração de amor e em presença de sua mulher poderiam resultar daí consequências funestas.

Elvira – Não acredite nem numa, nem noutra [fl.23] coisa.

Moncorvo – Fica Vossa Excelência sabendo que minha mulher é de boa escola: acredita menos em seus olhos do que em minhas palavras. Está justamente no ponto oposto a mim.

Elvira – Felizmente para nós ambos.

Moncorvo – Parece que não foi o meu elogio, que Vossa Excelência acaba de ouvir.

Clotilde – O senhor é de uma perspicácia assombrosa.

Cena 3ª

Os mesmos, um criado e depois Carlos

Criado – Está aí o Sr. Carlos Morato, que procura o senhor.

Moncorvo – Que entre. (*sai o criado*) É Carlos, que vem talvez buscar-me para irmos no [Paraíso?]. (*a Clotilde*) Não vai?

Clotilde – Nem me lembrava de que hoje era dia de [fl.23v.] Campestre. Que horas são?

Moncorvo – (*consultando o relógio*) Nove horas.

Clotilde – É cedo ainda: talvez vá. E tu, Elvira, ficas em casa?

Moncorvo – Minha mulher tomou em ojeriza os bailes e os teatros.

Elvira – Não é assim, meu amigo. Não os frequento, porque estou sempre adoentada.

Carlos – Permitem? (*dirige-se a Elvira e aperta-lhe a mão*). Vossa Excelência como tem passado?

Elvira – Obrigada, Sr. Morato; eu passo bem.

Carlos – (*a Clotilde*) E Vossa Excelência? As rosas das faces e o brilho dos olhos asseguram-me...

Clotilde – Que nunca estou disposta em seu favor.

Moncorvo – Pensei, Carlos, que havias já conseguido extinguir ou, pelo menos, abrandar as prevenções, que de há muito nutre a senhora contra ti. [fl.24] Carlos – Prevenções? A mais pronunciada [repulsão].

Moncorvo – E por quê?

Carlos – A pergunta se é benfeita, não é bem dirigida.

Clotilde – Que peça representou-se ontem no teatro lírico?

Moncorvo – *Os lombardos*, de Verdi.

Clotilde – Que tal é? Não tenho podido ir vê-la?

Carlos – É uma composição, minha senhora, se permite que me introduza na conversação encetada adrede para desviar-me; é uma composição excelente de Verdi, que parece querer tornar-se na música o poeta das epopeias. O brilhante de envolta com o sombrio, o grandioso com o sentimental enovelam-se de maneira tal que só ouvidos muito atentos e gosto muito apurado podem em uma primeira representação descobrir as suas maiores belezas.

[fl.24v.] Clotilde – O senhor é de uma modéstia inaudita. Descobriu naturalmente essas belezas ocultas a todos? (*Moncorvo toca a campainha*)

Carlos – Creio que não disse tal.

Clotilde – É o que se depreende de suas palavras.

Moncorvo – (*a Elvira, que sentada e encostada à escrivaninha não tem atendido à conversação*) Então, Elvira, decididamente não quer ir ao baile? (*entra um criado.*)

Elvira – Desculpe-me, meu amigo. Tenho hoje passado mal.

Moncorvo – (*ao criado*) Traga charutos. (*sai o criado*) Não pense que não insisto para que vá. Unicamente quero que se saiba que não sou eu quem a impede de divertir-se. São teimas e caprichos seus.

Elvira – Não sei em que consistem as minhas tei- [fl.25f.] mas e caprichos em estar doente e não poder assistir a um baile.

Moncorvo – É sempre a mesma resposta. (*entra o criado com charutos em uma salva. A Carlos*) Queres um charuto?

Carlos – Sim. (*Moncorvo dá-lhe o charuto e acende o seu*)

Clotilde – (*levantando-se*) Adeus, comendador. Vou vestir-me para ir ao baile.

Moncorvo – Quero ter a honra de conduzi-la até o carro.

Clotilde – Não, senhor, fique com o seu amigo. Tenho ainda uns segredos que comunicar a Elvira (*sorrindo*) e não quero pô-lo na confidência.

Moncorvo – Posto que a curiosidade aguilhoie-me um pouco, todavia, tenho por dever obedecer-lhe e fico.

[fl.25v.] Clotilde – E dizem que a curiosidade é partilha das mulheres?

Carlos – É a herança de Eva, Excelentíssima. (*Clotilde aperta a mão a Moncorvo e cumprimenta secamente a Carlos*)

Clotilde – Até logo, comendador. (*ela e Elvira tomam-se pela cintura e saem conversando – fundo*)

Moncorvo – É célebre a antipatia que te tem esta mulher!

Carlos – (*acende o charuto e senta-se comodamente em uma cadeira de balanço*) Qual antipatia! É mentira dela: tudo aquilo é uma impostura não sei com que fim. Quando estamos sós, trata-me de maneira bem diversa.

Moncorvo – Mas que explicação tem isso? Tu, se me não engano, estives-te, há tempos, em suas boas graças?

Carlos – É verdade até certo ponto. Fazia-lhe uma corte rasgada, a que ela não era insensível, mas tanta denguiço fez, que maço-me a paciência e tomei outro rumo. Amuou-se e [disto em] diante tratou-me como a um cachorro.

Moncorvo – Mas não és homem, que se deixe vencer por tão pouco.

Carlos – É verdade e, por isso, em certa ocasião achando-me devoluto, lembrei-me de reatar as nossas antigas relações. Num belo dia entrei-lhe pela casa dentro a visitá-la: recebeu-me friamente. Importei-me pouco e continuei a ir. Aconteceu o que eu esperava: começou a tratar-me melhor e assim tem continuado. Porém não sei por que razão em público procede, como vês. [Cansado ainda é o seu cavaleiro servente?]

Moncorvo – É.

Carlos – Aquele belo tipo de frialdade?

Moncorvo – Diz o ditado que a mulher sempre [pesa no?] [fl.26v.] pior.

Carlos – É uma calúnia do ditado, ao menos na maior parte das vezes. Essa predileção das mulheres pelo pior explica-se, porém de outra maneira. Para elas há sensações desconhecidas aos homens – é que têm um sentido de mais e descobrem encantos onde só vemos motivos de desgosto. No homem espirituoso acham o espírito; no bonito a beleza; no feio uma certa excentricidade de gosto que julgam com isso apresentar. Deus as fez e só o Diabo que as entende.

Moncorvo – O que não é pequena honra para elas. A propósito...

Carlos – De diabo ou de mulheres?..

Moncorvo – De diabo. Vais ao [Rovero]?

Carlos – A quem? Àquele tratante, que este mês já me roubou para cima de quatrocentos [fl.27] mil réis? Nada; não sou milionário.

Moncorvo – É porque não sabes jogar. Atiras-te sobre uma carta, como um lobo cerval sobre uma ovelha desgarrada. Não observas o jogo e balanças o dinheiro a mancheias. Como queres ganhar?

Carlos – Histórias da vida: tanto vale uma carta como outra. É a fortuna de quem joga.

Moncorvo – Não duvido; mas é necessário saber dirigir sua fortuna e consegue-se.

Carlos – Ora adeus! E tu por que tens perdido? Se até agora não aprendi, daqui por diante menos.

Moncorvo – Comprometo-me a ensinar-te. Depois do baile iremos até lá.

Carlos – Não estava decidido a ir ao Campestre, mas irei. Havemos de passar por casa para eu mudar esta roupa. (*entra Elvira*)

[fl.27v.] Moncorvo – (*toca uma campainha*) Pois bem; entretanto, vou fazer o mesmo. (*entra o criado*) Mande aprontar o carro. (*sai o criado*)
Conversa com Elvira que já volto. (*sai*)

Cena 4ª

Carlos e Elvira

Carlos – E por que não vai a senhora ao baile?

Elvira – Já disse, há pouco, o motivo: a minha saúde é sempre má e as fadigas de um baile prostram-me.

Carlos – Porém não é somente aos bailes, que a senhora recusa ir: não aparece em parte alguma.

Elvira – É que todos os divertimentos fatigam-me, como os bailes.

Carlos – Entretanto sabe a falta que por lá faz.

Elvira – Eu? O senhor quer gracejar.

[fl.28] Carlos – Não, senhora; sou incapaz disso, quando lhe dirijo a palavra.

Elvira – Dá-me uma verdadeira novidade, tanto mais agradável, quanto mais lisonjeia esse amor próprio inato nas mulheres, conforme asseveram os homens.

Carlos – A senhora é que quer interpretar meu pensamento por essa forma. Sei que nunca merece crédito o que digo, porque minha reputação está tão bem firmada que dificilmente ser-me-á possível mudá-la. Sofro as consequências de culpas, que não tenho.

Elvira – Ser-lhe-ia na realidade um pouco difícil justificar-se.

Carlos – Tem razão. Diante de mim levantam-se sempre para esmagarem-se essas mil anedotas, de que sou protagonista e em que minhas ações nunca são apresentadas sob um aspecto agradável. Que hei de fazer? Procurar justificar-me: os homens sorriem, as mulheres voltam-me o rosto. Que importa que diga a verdade, se a mentira tem mais força? Que importa que eu assevere abominar o tipo de [Antony?] ou Lovelace, se foi decidido que sou um fac-símile desses heróis de romance? E, assim, morra em mim o sentimento puro, que existir, porque é impossível que exista; quando me dirigir à mulher, que estremecidamente amo, encontrarei em seus lábios o sarcasmo, em seus olhos o desprezo.

Elvira – Princípio a não compreendê-lo.

Carlos – A senhora compreende-me porque sabe quem seja a mulher, porque não ignora o que tenho sofrido.

Elvira – (*ironicamente*) O dia, já vejo, é de novidades para [fl.29] mim. Não sabia que era sua confidente.

Carlos – Por que esse tom frio e irônico, que me desespera?

Elvira – E como quer então que lhe fale? Prefere antes que lhe diga que em procedimento está longe de ser leal ao homem, que lhe dá o título de amigo? Prefere que respondendo ao que acabo de ouvir e ao que sempre me repete, lance-lhe em rosto quanto esse procedimento tem de mau, de censurável, de alguma coisa pior talvez?

Carlos – Calque-me, calque-me com as mais duras repulsas, porém, ao menos, não estrangule a esperança, que posso alentar de que um dia surgirá, em que o amor ardentíssimo, que lhe consagro, não será desconhecido.

Elvira – O senhor é indigno de que outro homem lhe estenda a mão.

[fl.29v.] Carlos – Atenda-me...

Elvira – Não. Creio que aí vem meu marido; mas fique certo de que à primeira vez que ainda a tal respeito se dirigir a mim, não ocultarei mais que suas visitas estão longe de ser desinteressadas.

Cena 5ª

Os mesmos e Moncorvo de charuto na boca, calçando as luvas

Carlos – Chegaste a tempo de acabar de decidir tua mulher a ir ao baile: tenho-a quase reduzida.

Moncorvo – Serias capaz desse milagre? (*a Elvira*) Então vai?

Elvira – Não é possível. Estou muito incomodada, ao contrário, far-lhe-ia a vontade.

Moncorvo – (*a Carlos*) Logo vi que era gracejo teu. [fl.30] Fazer eu um pedido à senhora é perder tempo.

Elvira – É injustiça sua: condescendo em quanto posso.

Moncorvo – Ora adeus!

Cena 6ª

Os mesmos e a baronesa

Baronesa – Dão licença?

Elvira – (*correndo à baronesa, a quem abraça e beija a mão*) Minha madrinha!

Moncorvo – Vossa Excelência nesta casa, Sr.^a Baronesa? É uma grande novidade!

Baronesa – Qual novidade! As minhas moléstias de velha é que me não deixam aparecer mais vezes (*cumprimenta a Carlos, que ele retribui*) Como estás, Elvira?

Elvira – Algum tanto incomodada, mas não é [fl.30v.] coisa de cuidado.

Baronesa – Isso é mau e deves tratar-te.

Moncorvo – Para moléstias, como a sua, só há um remédio – é a distração. Mas ela teima em não sair e em viver isolada entre as quatro paredes deste gabinete. Peço, insto, porém nada consigo.

Baronesa – E por que, Elvira? Quando não seja por outros motivos, ao menos por comprazer a teu marido.

Moncorvo – Dessa teoria é que minha mulher não entende.

Baronesa – Há de entender, há de entender. Mas pelo que vejo, vai ao baile; e tu por que não acompanhas a teu marido?

Moncorvo – Quando Vossa Excelência entrou, instava eu com ela, mas resolveu não ir e não vai.

[fl.31] Elvira – Não é assim, madrinha: tenho passado mal o dia e é a razão de minha recusa.

Moncorvo – Pois vou eu. Sr.^a Baronesa, espero que me desculpe e deponho em suas mãos a tarefa de acompanhar a minha mulher.

Baronesa – Vá que eu fico para catequizá-la. (*os dois cumprimentam-na. Carlos estende a mão a Elvira, que hesita por um instante em dar-lhe a sua. Saem*) Elvira, parece-me que és pouco condescendente com teu marido.

Elvira – (*escondendo o rosto nas mãos e prorrompendo em pranto*) Ah! madrinha, nem forma ideia de quanto sou desgraçada!

Baronesa – (*animando-a*) Não chores. Que tens? Que te aflige? (*fazendo-a sentar junto a si*) Senta-te aqui e dize-me o que sentes.

[fl.31v.] Elvira – Muitas vezes já tenho resolvido relatar-lhe tudo; mas na ocasião falta-me o ânimo e deixo para outro dia, que nunca chega e assim vão-se passando os tempos.

Baronesa – Hoje sou eu que o exijo.

Elvira – Vou referir-lhe o que há e por minha boa e santa mãe asseguro-lhe que não haverá exageração em minhas palavras.

Baronesa – Fala, minha filha.

Elvira – Melhor do que ninguém madrinha sabe como se fez meu casamento. Em meio do desespero em que me via, jurei de responder – não, quando o

padre me interrogasse. Porém no momento terrível atentei para os circunstantes e não encontrei quem me sustentasse; perdi a coragem e maquinalmente pronunciei esse fatal e amaldiçoado – sim, que se exigia de mim.

[fl.32] Baronesa – Elvira!

Elvira – Casei-me. Durante os três ou quatro primeiros meses meu marido foi para mim o tipo de delicadezas e atenções; mas em breve mudou. Os teatros, os bailes, os passeios, sem que eu o acompanhasse e sem que ao menos fosse convidada, roubavam-lhe todo tempo. Lançou finalmente a máscara fora e entregou-se a todos os prazeres, que outrora o dominavam, adquirindo uma triste celebridade, levando a sua loucura ao ponto de passear em seu carro com mulheres, que nele não podiam ter assunto. Baronesa – Quanto deves ter sofrido!

Elvira – Ultimamente creio que de tudo cansado, de tudo farto e aborrecido, foi procurar nas comoções convulsivas do jogo a distração, que nos ou- [fl.32v.] tros lugares lhe faltava. Tem-se atirado corpo e alma nesse inferno, que lhe devora, além das horas do dia e da noite, a sua fortuna.

Baronesa – Tem chegado a tanto?

Elvira – Não posso asseverar: consta-me. Mas afora do que acaba de ouvir cobre-me de diamantes e de sedas. Quiçá, muitas mulheres achassem nisso a felicidade: eu não penso assim. Não para ainda aí. As recriminações injustas, como viu, o tom grosseiro, as más palavras completam o quadro de minha desgraçada existência.

Baronesa – Mas essa vida não pode continuar: é necessário um termo.

Elvira – Um termo? Qual? Agora, madrinha, só a morte poderá aliviar a sua Elvira.

Baronesa – Elvira, os laços contraídos pelo matri- [fl.33] mônio só Deus os pode desfazer no céu. A religião veda que os homens os quebrem na terra. Mas há um meio, se não de remediar, pelo menos de obstar que continues a sofrer.

Elvira – Qual?

Baronesa – Esse meio, minha filha, não to aconselharei, porque grande responsabilidade envolveria tal conselho. Consulta teu coração, pesa o que tens padecido, relata o que se há passado a teu pai, e resolve ao depois. Esse meio é o desquite.

Elvira – O desquite?

Baronesa – Sim, o dequite. É um recurso extremo, bem sei e que nunca deve de ser indicado por uma mulher. Porque não é possível que o Sr. Moncorvo, continuando em sua vida de desregramento, continue a infelicitar-

-te. [fl.33v.] Escreve para Valença a teu pai, pedindo-lhe que venha à corte e quando chegar, abre-te francamente com ele e ele te aconselhe.

Elvira – Meu pai não me acreditará, porque os homens estão sempre dispostos a desculparem-se uns aos outros. Além disso, madrinha, pensa na posição, a que ficarei reduzida, separando-me de meu marido? Sobre a mulher desquitada pesa sempre a dúvida do passado, a incerteza do futuro. Ela não pode falar, não pode olhar, não pode mover-se, sem que suas palavras, seus olhos, seus gestos tenham uma interpretação, que nunca lhe é favorável. Nem solteira, nem casada, nem viúva, ela é um ente à parte, que poucos apreciam, grande número despreza e o resto sorri, vendo-a passar. A mulher, que [fl.34] nas mãos do sacerdote jurou pertencer a um homem, deve de morrer acabrunhada pelo desgosto sobre seu leito nupcial.

Baronesa – Tens razão, minha filha, e nem quero que dê um passo precipitado, máxime sendo ele uma decisão suprema da vida.

Criado – (*entrando*) O chá está na mesa. (*sai*)

Elvira – Esperemos ainda algum tempo. Deus talvez que se amerceie de mim, porque o desquite tornará minha filha órfã de um de seus pais. Mas paremos com essa aflitiva conversa e vamos tomar chá. Depois, cantarei para distraí-la a cavatina de Hernani, de que tanto gosta.

Baronesa – Vamos, minha filha. (*dirigem-se ao fundo*)

Cai o pano.

[fl.35]

Ato 3º
(*um ano depois*)

Jardim – À esquerda um grande caramanchão com mesa e cadeiras: sofás, bancos de pedra, estátuas etc. espalhados pela cena.
São seis horas da tarde.

Cena 1ª
Henrique e Carlos
(*ambos sentados fumam e conversam*)

Carlos – Seja como for; mas não poderás negar que é excelente para amante e ainda melhor dona de casa para obsequiar seus hóspedes.

Henrique – Nesta última parte concordo; quanto à outra, não sei se sou o mais habilitado para julgá-la.

Carlos – Não será decerto por te faltarem dados, porque tens os que pertencem [sic.] e os dos teus amigos.

[fl.35v.] Henrique – Não duvido, porém tenho mais em que ocupar-me.

Carlos – Fazes-me o favor de dizer como se combinam as tuas palavras e o teu procedimento?

Henrique – Que palavras e que procedimento?

Carlos – Não é a primeira vez que conversamos sobre Clotilde e vejo-te sempre, isto é, de certo tempo a esta parte dizer dela o que Mafoma não disse do vinho, nem Moisés do toucinho; entretanto, não recusas os seus convites e és assíduo em suas partidas.

Henrique – (*levantando-se*) E que hei de então dizer desta mulher sem coração?.. Já viste-a chamar a si um de seus filhos para afagá-lo?.. Já alguma vez te conversou sobre a educação deles?.. Quando em uma mulher morreu ou não existem os sentimentos maternos, [fl.36] é que nela tudo está morto.

Carlos – Como estás moralista! Por que não tinhas esta linguagem, há três ou quatro anos, quando andaste apaixonado por ela?

Henrique – Se não a tinha, é que me convinha calar-me; mas asseguro-te que pensava da mesma maneira. Hoje que os motivos desapareceram, digo o que sinto. Tanto pior para quem se julgar com direito de ofender-se. (*senta-se*)

Carlos – E por que vens à sua casa?

Henrique – Por que venho?.. Porque quero distrair-me. Venho conversar, jogar, divertir-me com a companhia, que se reúne.

Carlos – Por que não abres um curso de moral, para arrancares a nossa sociedade do abismo em que se vai a precipitar?

[fl.36v.] Henrique – O que te posso asseverar é que vejo com muito desprazer meu cunhado receber em sua casa a essa mulher e consentir minha pobre irmã em tal sociedade. (*Carlos sorri ironicamente e sem que o veja Henrique*) Mas enfim, sua alma, sua palma.

Carlos – Estás com um furioso ataque de spleen. Dorme um pouco que talvez passe.

Cena 2ª

Os mesmos e Clotilde pelo braço de Eduardo

Clotilde – Os senhores cometem uma barbaridade, que vai desacreditá-los junto a todas moças – abandonam a sociedade só pelo prazer de fuma-

rem deitados! Nem quiseram esperar o café! Eu, porém, quis mostrar-lhes [fl.37] que os aprecio tanto que me não esqueci de suas pessoas. Aí vem um criado trazer-lhes o néctar dos tempos modernos, em frase poética.

Carlos – (*que se levantou com Henrique assim que a avistou*) Ambos nós agradecemos a senhora o seu cuidado, que nos daria mais uma prova, se fora precisa, de quanto é justa a fama da amabilidade de Vossa Excelência.

Clotilde – Somente para ouvi-lo vale a pena de ser-se delicada. (*entra um criado com duas xícaras de café em uma salva. Os dois servem-se, tomam alguns goles e entregam as xícaras ao criado, que se retira. Isto passa-se durante o diálogo seguinte entre Eduardo e Clotilde*)

Eduardo – Conquanto não queira, nem possa negar o espírito do Sr. Morato, todavia, ele me permiti- [fl.37v.] rá que pense que o seu dito tem menos de espirituoso que de verdadeiro.

Clotilde – O Sr. Eduardo também empunha as armas contra mim, o senhor, que nesta ocasião tem por dever ser meu aliado e defender-me, visto que é o meu cavaleiro?

Eduardo – Não creio ter faltado ao que devo à honra que me dá Vossa Excelência, apoiando-se no meu braço.

Henrique – É inegável: defendeu-a contra o maior inimigo de Vossa Excelência – a sua extrema modéstia.

Clotilde – Senhor, estou em verdadeiro sítio e sofro fogo por todos os lados. Já não me posso defender e rendo-me à discrição.

Carlos – É mau presságio o dizer uma senhora, que não sabe defender-se, que é fraca, que se rende à discrição.

Clotilde – E por quê?

[fl.38] Carlos – Por quê?.. Nas mulheres a mais forte arma é a sua fraqueza, atrás da qual acastelam-se, como atrás do mais formidável reduto. Os ditos chistosos, os epigramas, o sorriso dos olhos, a doçura da voz, a graça dos gestos, tudo vos fere e sempre nas falhas de vossa armadura, tudo é um broquel, que encontrais diante de vós, quando tentais avançar um passo. Espiam cada um de vossos movimentos, torcem vossas palavras, não vos perdoam nem o laço da gravata; cada dito é uma ironia, cada frase um sarcasmo e sempre confessando que se não podem medir convosco, pedindo-vos compaixão, abaixando os olhos.

Clotilde – Nada há que se compare à conversação do homem de espírito! Quanta força possuía eu sem que o soubesse!

[fl.38v.] Carlos (*a Henrique*) Vês?.. Principias o fogo.

Henrique – E com razão: é um desforço à catilinária que proferiste contra as mulheres.

Clotilde – Eis mais uma ocasião, doutor, defenda-me.

Eduardo – Vossa Excelência empenha-me numa luta, para que não estou preparado. Entre uma senhora e um homem de espírito, que se encontram em suas opiniões, quer sejam estas expandidas debaixo do tom grave da discussão, quer sob as facécias do gracejo, ninguém se deve colocar, a menos de ir de ânimo feito e peito disposto a ser abalado da cabeça aos pés.

Clotilde – E então, Sr. Morato, vendo-me entre um, que se cala, outro, que me acomete, e um terceiro, a quem me socorro e que me diz guardar neutralidade, mas neutralidade armada, que hei de fazer senão render-me e pedir compai- [fl.39] xão? Responda.

Cena 3^a
Os mesmos e Elvira

Elvira – Finalmente encontro-te!.. Há meia hora que cheguei e te procuro por toda parte!

Clotilde – (*tendo corrido para ela a beijá-la*) Como tardaste!

Elvira – (*apertando a mão a Henrique e cumprimentando aos outros*) Como estás?.. Meus senhores!..

Clotilde – Por que não vieste jantar?

Elvira – Foi-nos inteiramente impossível; se não, sabes com que prazer aceitaríamos o teu convite.

Clotilde – E teu marido não veio?

Elvira – Veio: ficou na sala a conversar e eu corri a procurar-te.

[fl.39v.] Clotilde – Fizeste-nos uma falta imensa. Passamos o dia insipidamente, não tendo quem substituísse a tua graça e a tua conversação.

Elvira – Oh! meu Deus! A que fim levava a dona da casa?

Clotilde – A dona da casa não tem a vaidade de comparar-se contigo.

Elvira – Mentirosa!

Clotilde – Mentirosa! Tu é que procuras acobertar-te com o véu de uma escusada modéstia. Mas estamos com as nossas futilidades, tornando-nos importunas a estes cavaleiros. Meus senhores, uma mal-entendida deferência não os prenda a este lugar.

Carlos – Deferência? Não por certo: o mais subido [ilegível] gozarmos da companhia de duas das mais elegantes senhoras que tenho conhecido.

[fl.40] Clotilde – Ora, Sr. Morato, esse plural é quase inconveniente: fale no singular e farei coro com o senhor, porque dirá uma verdade, referindo-se à minha amiga.

Elvira – Tornas a começar? Então, zango-me contigo.

Clotilde – (*beijando-a ternamente*) Comigo? És uma louca; não é verdade, doutor?

Eduardo – (*que conversava com Henrique*) Como, senhora?

Clotilde – Perguntava-lhe se Elvira não é uma louca.

Eduardo – Vossa Excelência coloca-me em falsa posição; se afirmar, ofendendo a senhora (*designando Elvira*); se negar, vou de encontro ao que Vossa Excelência parece que quer que eu assevere.

Henrique – Já vejo que não servias para magistrado [fl.40v.], nem para diplomata.

Eduardo – Conquanto não tenha pretensões nem a um, nem a outro, todavia, quisera que me desses a razão.

Henrique – É simples – nem sabes dar uma sentença, nem tirar-te de uma posição difícil.

Clotilde – Visto que o coloquei nessa difícil posição, vou eu mesma deslocá-lo. Perguntava-lhe se Elvira, zangando-se comigo não estava louca. (*entra Moncorvo e ouve estas últimas palavras*)

Cena 4^a

Os mesmos e Moncorvo

Eduardo – Não direi tanto; mas decerto faria grande injustiça a Vossa Excelência.

Moncorvo – (*chegando para o círculo*) Eu direi mais: [fl.41] assevero que estaria doida varrida.

Clotilde – Bravo! É um auxiliar, que me chega.

Moncorvo – (*apertando-lhe a mão*) O qual sentirá se não tiver forças bastantes para bem secundar a Vossa Excelência.

Clotilde – Acabo de saber a razão de sua demora, comendador; por isso, não pergunto por ela.

Moncorvo – Quem mais sofreu fomos eu e minha mulher por ficarmos privados de aceitar no todo o obsequioso convite de Vossa Excelência.

Clotilde – Comendador, entre nós não há obséquios. Meus senhores, reitero o que disse há pouco, não os prendo e vou dar-lhes o exemplo. Sr.

Morato, dê o braço à minha amiga. Sr. Doutor, vou livrá-lo de ser outra vez infiel à sua dama.

Eduardo – Sim? E como?

Clotilde – Há pouco, sendo o senhor meu cavaleiro, abandonou-me indefesa ao inimigo e para que lhe não [fl.41v.] aconteça o mesmo outra vez e se desacredite, quero livrá-lo do perigo. Sr. Moncorvo, faz-me favor de seu braço?

Moncorvo – É grande honra para mim...

Eduardo – E para mim castigo de uma culpa, que não tive.

Clotilde – Agora, senhores, o caminho é limpo e as vontades são livres. Já tomou café, comendador?

Moncorvo – Tomarei segunda vez.

Clotilde – Vou mandar servi-lo. *(saem)*

Carlos – É esta uma daquelas felicidades, que raras vezes acontecem... *(saem)*

Henrique – *(olhando para Moncorvo e Clotilde, que saem rindo)* Ah! ah! ah!

Eduardo – De que ris?

Henrique – Como não hei de rir, vendo a delicadeza, com que uma amiga rouba o marido da outra.

Eduardo – Sempre te conheci com essa maldita língua afiada para ferir o gênero humano.

Henrique – Admiro ainda mais a candura, que ostentas, do que a ingenuidade e cegueira de minha irmã.

Eduardo – De maneira que discordar de ti, não assentir a uma invenção da tua cabeça, é ostentar candura?

Henrique – Já vejo que estás em maré de otimismo. Mudemos de conversa. Foste à regata?

Eduardo – Fui.

Henrique – É sociedade definitivamente organizada?

Eduardo – Creio que não. É talvez um ensaio. *(entra Clotilde pelo braço de Moncorvo conversando)*

[fl.42v.]

Cena 5ª

Os mesmos, Moncorvo e Clotilde

Henrique – Apostaste?

Eduardo – Apostei 50 réis por um maldito escaler tripulado por amadores chamado – Ligeireza –, que perdeu. (*continuam a conversar*)

Clotilde – O calor tem sido abrasador e até aqui a viração faz moverem-se as folhas das árvores.

Moncorvo – Que há de comum entre o que lhe digo e o calor?

Clotilde – Que ambos escaldam.

Henrique – Repara naquilo e dize ainda que sou m[á] língua.

Moncorvo – (*entrando com ela no caramanchão*) Confesso francamente que não posso entrar com a senhora.

[fl.43] Clotilde – É demasiada modéstia sua, comendador.

Moncorvo – Algum mal-intencionado poderia pensar que tens ciúmes.

Henrique – (*com um movimento de impaciência*) Parecem que andam todos aportados a... (*continua em voz baixa*)

Clotilde – Sentemo-nos. O céu é azul, a brisa sussurra brandamente, a folhagem nos rodeia e o crepúsculo vem subindo; em suma, o local e a hora prestam-se ao madrigal e à bucólica. Continue no que dizia.

Moncorvo – Há ocasiões, em que, ouvindo-a, não sei o que mais me inflama, se a cólera, se o amor.

Clotilde – Olhe que se passa a fazer alguma cena de Otelo, cai no ridículo.

Henrique – Vamos-nos que aquilo causa-me nojo. [fl.43v.] (*Eduardo ri e saem ambos*)

Clotilde – Se Elvira o escutasse!

Moncorvo – Peça-lhe um obséquio: nunca me fale em minha mulher.

Clotilde – Vejam como são as coisas! E eu me persuadia de que, falando-lhe nela, dava-lhe prazer. (*entra um criado, trazendo duas salvas – em uma a xícara de café, na outra fogo e charutos*) Ponha tudo sobre a mesa. (*sai o criado. Ela escolhe um charuto e o dá a Moncorvo, que o acende*) Eii-lo aí em meio da tríada sublime – café, charuto e mulher, conforme ouvi há dias, a um elegante.

Moncorvo – Infelizmente a parte mais importante da tríada redu-la de um paraíso, que pudera ser, a um verdadeiro inferno de vivos.

[fl.44] Clotilde – O senhor descamba no romantismo: felizmente o momento é propício. A mulher, que sou eu, inflama-lhe o peito; o café toca-lhe a imaginação; o charuto perfuma-lhe os lábios. Comendador, faça-me um soneto.

Moncorvo – Clotilde, quando cedo aos impulsos de meu coração; quando calco aos pés todas as considerações, que devo à sociedade e a mim

mesmo e exponho-lhe quanto sinto, não hei de encontrar em seus lábios uma frase, que não seja para ferir-me? (*entram Carlos e Elvira e conservam-se passeando um pouco afastados da boca da cena*)

Clotilde – Olhe que o seu café esfria.

Cena 6ª

Os mesmos, Carlos e Elvira

[fl.44v.] Moncorvo – Mulher sem alma e sem coração, que é que pode comovê-la?

Clotilde – As lágrimas.

Elvira – Rogo-lhe que não me fale mais a semelhante respeito.

Carlos – E como poderei obedecer-lhe? Como esconder-lhe o que, há tanto tempo, faz o tormento de minha vida?

Moncorvo – Juro-lhe que hei de conseguir. (*Clotilde ri*) Não ria.

Carlos – Para que renovar juras e protestos, quando tantas vezes o tenho feito? Cheguei à triste convicção de que nada é capaz de excitar-lhe um sorriso para mim.

Elvira – E sou a culpada? Quando o senhor pela primeira vez falou-me em seu amor não lhe fiz ver que uma infidelidade minha e sua a meu [fl.45] marido seria uma traição infame de parte do amigo, um crime atroz de parte da esposa? Deixei-lhe porventura entrever uma esperança?

Moncorvo – E que me importa?.. Eu estava cego. Clotilde; passei-lhe por perto, não a vi, fui buscar a indiferença de uma mulher, que me não ama, que nunca amei, que nunca poderei amar.

Elvira – Procure esquecer essa paixão, a que não devo, nem posso corresponder. Se na realidade a sente, será isso um pequeno sacrifício a altos deveres, se é um desejo de nova conquista, a repulsa, que sofre, será apenas uma ligeira contrariedade.

Carlos – Faltam-me palavras para descrever-lhe a força de meu amor; se a senhora bem o compreendesse, decerto que me não repeliria tão duramente. [fl.45v.] (*Clotilde, rindo, sopra as brasas e as acha apagadas. Carlos quer beijar a mão de Elvira, que a princípio opõe alguma resistência, mas afinal cede. Carlos conserva entre as suas a mão de Elvira, que esta quer retirar*) Quê! Tudo me há de negar, até o mais insignificante dos favores?

Moncorvo – (*vendo Clotilde fazer um movimento para sair*) Espere.

Clotilde – Vou mandar vir fogo para acender o seu charuto, que o senhor nos eflúvios da poesia deixou apagar. (*vai sair do caramanchão*)

e ao chegar à porta vê Carlos, que pela segunda vez leva aos lábios a mão de Elvira. Ela exclama de si para si:) Oh! Oh! Aquela virtude ensaia-se bem para bater as asas[,] rouba os amantes das amigas! Ajustaremos contas. (*finje não reparar nos dois e atravessa [fl.46], correndo, a cena*)

Elvira – Sr. Morato, repare que Clotilde passa-se.

Moncorvo – (*seguindo-a com os olhos e tomando o café*) Vai, demônio, que ainda que eu gaste metade de minha fortuna, há de ser minha.

Elvira – Entremos para casa.

Moncorvo – (*ouvindo rumor, chega à porta do caramanchão*) Oh! andam por aqui?

Carlos – Sim; acabamos de percorrer este grande e belo jardim. E tu que fazes?

Moncorvo – Tomava café e conversava com a dona da casa, que saiu não sei a quê.

Cena 7ª

Os mesmos e Henrique

Henrique – Carlos, falta-nos um parceiro para o voltarete e venho buscar-te. [fl.46v.] Carlos – Dispensa-me, porque nem só não o jogo, bem como ainda, e é a principal razão, tenho tua irmã pelo meu braço e prefiro conversar com ela a jogar contigo.

Henrique – Não contesto, porque o certo é que vais comigo e também em interesse de Elvira não deves recusar, porque é impossível que já não esteja horrivelmente maçada. (*entra um criado e traz fogo a Moncorvo, que acende o charuto. Vai-se o criado*)

Carlos – Não duvido, mas como sou muito egoísta consulto mais ao que me interessa. Todavia, sujeito-me ao que decidir a senhora.

Elvira – Declino da honra, que me querem dar. Vejam outrem que decida.

[fl.47]

Cena 8ª

Os mesmos, Clotilde e Eduardo

Clotilde – (*que entra conversando alegremente com Eduardo e ouviu as últimas palavras*) Serei eu então quem decida. De que se trata?

Moncorvo – Trata-se de saber se esta importantíssima personagem deve ir jogar voltarete ou ficar passeando.

Clotilde – Quando as mulheres tomarem o lugar, que de direito lhes compete na direção dos negócios do país, o que não está muito distante...

Carlos – Mas de que Deus nos há de livrar, seja dito sem ofensa das senhoras...

Clotilde – O seu voto não há de certamente ser pedido para esta questão. Mas voltando ao que dizia... Quando as mulheres legislarem, hei de fazer inserir no código criminal grandes penas para os jogadores, porque o jogo é o único rival contra o qual não tem poder a mulher! É necessário confessá-lo para vergonha dos homens. E como sou a árbitra da questão pendente, dispenso ou, antes, privo o Sr. Morato da nossa companhia. A sua indecisão por si só basta para demonstrar a todas as vistas que eu e Elvira pesamos menos em seu pensamento do que uma partida de écarté.

Carlos – Oh! Excelentíssima, essa injustiça...

Clotilde – *(a Carlos)* Está proibido de se defender. *(a Henrique)* Sr. Sepúlveda, faça-me o favor de levar o seu amigo.

Henrique – Com muito prazer. *(toma Carlos pelo braço e saem ambos rindo)*

Clotilde – Doutor, tenha a bondade de dar o braço à minha amiga. Quero mostrar-lhes o meu vi- [fl.48] veiro de pássaros. Sr. Moncorvo, ainda o não dispensei de ser meu cavaleiro.

Moncorvo – Honra que aprecio devidamente.

Clotilde – Permitam-me que lhes mostre o caminho. *(vai seguindo com Moncorvo)*

Eduardo – *(demorando um pouco Elvira)* Elvira, pelo amor, que já me teve outrora; pelas recordações, que ele lhe há de despertar; por quanto lhe pode ser caro neste mundo, peço-lhe que fuja desta mulher! *(Elvira abaixa a cabeça e segue com ele por onde sumiu-se Clotilde)*

Cai o pano.

[fl.48v.]

Ato 4º
(cinco meses depois)

A mesma vista do segundo ato. Luzes. São duas horas da noite.

Cena 1ª

(*Elvira sentada em uma cadeira de braços tem na mão um pequeno espelho, em que se mira; Joana endireita-lhe os cabelos com um pente*)

Elvira – Avia-te, Joana; lembra-te de que são duas horas da noite e o baile vai a acabar se não a principias.

Joana – Mas, por isso, a senhora não deve aparecer menos bonita.

Elvira – Não entendes destas coisas. Depois de certa hora, [fl.49] um pequeno desalinho tem sua graça e quem sabe o que é ser elegante não [supõe] que durante toda noite uma senhora de gosto esteja, como uma boneca: seria dar indício de que contradançou, como se estivera no colégio, fazendo passos e medidas; que valsou como Braz-mimoso, ou que se não moveu de um lugar; o que tudo quer dizer que ninguém olhou para ela, nem lhe deu atenção.

Joana – E eu pensava que sempre se devia andar muito direita e sem desarranjar o vestido.

Elvira – Não sabes nada que vai pelo mundo e demais acaba-se de dançar a sexta quadrilha, segue-se uma schottisch e não quero perder o meu par, que é excelente.

Joana – Aqui temos outra! Também me parecia que uma moça nunca dizia que desejava dançar com algum homem. [fl.49v.]

Elvira – Ora, Joana, então as moças não têm os mesmos sentimentos que os homens?

Joana – Mas eu me lembro de ouvir, quando era menina, a senhora velha dizer o contrário.

Elvira – Por que me falas em minha mãe nestas ocasiões? Quando me recordo dela, de seus conselhos, de suas lições, vêm-me as lágrimas aos olhos, comparando minha vida de então com a de hoje. (*limpa os olhos*)

Joana – Está bom, não chore; se eu soubesse, não dizia nada. Deixe acabar de endireitar os cabelos (*pequena pausa*)

Elvira – Quando fores para dentro, vai ver se o chocolate está pronto a ir para a sala, assim que acabar a schottisch.

Joana – Sim, senhora.

[fl.50]

Cena 2^a
As mesmas e Clotilde

- Clotilde – Como vieste ocultar-te aqui? Deixas a festa sem a sua rainha?
- Elvira – A rainha veio endireitar o cabelo, que se desarranjou na última valsa. Dá cá o pente, Joana, e vê o que te disse. (*continua a alisar o cabelo, enquanto sai Joana*)
- Joana – Sim, senhora. (*sai*)
- Clotilde – (*que se sentara em uma cadeira de balanço*) Então?..
- Elvira – (*largando o pente e o espelho sobre a secretária e levantando-se*) Deu-me este bilhete. Já o li creio que mais de dez vezes em menos de uma hora.
- Clotilde – Com efeito! Não tens perdido tempo!
- Elvira – Se ele escreve tão bem!.. É um belo moço, [fl.50v.] não achas? Elegante, delicado... Não sei como conhecendo-o, há tanto tempo, só agora noto certas qualidades, que tem.
- Clotilde – A razão é simples. Sem que o percebêssemos, tem-se operado em ti uma verdadeira metamorfose e, por isso, tu o vês hoje com olhos diferentes. Ocorre ainda que entre nós as mulheres dá-se frequentemente o fenómeno de ser o que amamos num dia o que mais aborrecíamos no antecedente.
- Elvira – E valsa perfeitamente. Não sei se é amor próprio meu, porém parece-me que quando valsamos, todos olhavam para nós.
- Clotilde – (*ironicamente sem que ela o perceba*) Assim era. Eu só ouvia falar em ti e nele.
- Elvira – A que respeito?
- Clotilde – (*com intenção*) A respeito da valsa. Mas, em [fl.51] em suma, que diz o bilhete?
- Elvira – (*passando-o*) Lê. (*Clotilde principia a ler e ela apoiando-se no braço da cadeira vai seguindo a leitura com os olhos. De quando em quando sorri, como que satisfeita do que lê, ou faz alguma observação*) Vês?.. Isto é contigo... Acho uma graça, quando ele me chama (*imitando-o*) – Meu anjo!.. Escreve muito bem!
- Clotilde – (*depois de ler*) E que pretendes fazer?
- Elvira – Tenho medo.
- Clotilde – Medo? (*ri-se*) Pode gabar-te de ser a única exceção à regra. Mulher com medo em negócios amorosos?.. (*ri-se outra vez*) Se treme é com receio de não encontrar quem espera; se empalidece é de comoção: a mulher só tem medo nas circunstâncias ordinárias da vida.

Elvira – Mas apesar do que dizes, concordarás que certos [fl.51v.] passos não se dão pela primeira vez a sangue frio. Não sei o que faça. Que dizes?

Clotilde – Eu? Coisa nenhuma. Em amores nem se dão, nem se tomam conselhos. O que sei é que [se] ele não te ama, ao menos finge-o perfeitamente, e não vejo razão para lhe retribuíres com tanto rigor.

Elvira – Acho certo chiste em seres tu a sua advogada quando não há muito tempo que o odiavas de morte, conquanto depois, (*malignamente*) segundo dizem as más línguas...

Clotilde – (*rindo*) És uma antiquária e sempre andas a descobrir fósseis. Parece-me que houve tempo em que o aborreci e que depois, segundo a boa língua das minhas amigas, deu-se alguma coisa, que já não sei o que foi... Há que séculos se passou isso e eu tenho tão pouca memória!.. Demais [fl.52] se tal aconteceu é para veres que não erro no que penso acerca da constância das mulheres em seus gostos e ideias, sendo tu, não te ofendas, uma prova viva.

Elvira – Eu?..

Clotilde – Tu, sim. Lembras-te das lições de moral, que há um ano ou dois, me pregavas? Que te dizia eu então?

Elvira – Cala-te; cala-te; não me recordes esses tempos porque a sua recordação é para mim um remorso. Então eu me envergonhava de ter amado um homem, que não era o que foi ao depois meu marido; entretanto que hoje... Mas como se operou essa transição em minha vida? Eu mesma o ignoro; deixei-me fascinar, deixei-me arrastar, levada talvez de um exagerado despeito. Conheço, calculo de antemão o que [fl.52v.] me espera, mas não tenho forças para recuar.

Clotilde – Ora deixa-te de histórias, e voltemos ao que dizíamos.

Elvira – (*suspirando*) Tens razão; desviemos os olhos, já que não é possível esquecer. Que te parece que faça?

Clotilde – Estás a martelar-me a cabeça! No teu caso sei o que faria, mas nada aconselho. Faze o que quiseres.

Elvira – Pois bem, farei o que me ditar a ocas[ião]. (*ouve-se dentro tocar a schottisch*) É a schottisch? Não danças?

Clotilde – Não: além de não ter par, estou muito cansada.

Elvira – Então espera-me um pouco que já volto. (*sai correndo*)

Clotilde – (*levantando-se e seguindo-a com os olhos*) [fl.53] Finalmente minha branca pomba de [ilegível] (*mostrando o bilhete, que lhe dera Elvira*) tenho-te em meu poder! Pensavas que com teus olhos lânguidos, com teu sorriso melancólico e os conselhos, que em menina recebeste,

impunemente podias, roubar-me o homem, que me pertencia? (*rindo-se*)
É célebre como o marido e a mulher se combinavam em ter cada um a sua
conta a ajustar comigo! (*guarda a carta ao seio*)

Moncorvo – (*dentro*) Deixem acabar a dança.

Clotilde – Ei-lo aí: ele mesmo vem ao encontro. (*pega no espelho e pente e principia a endireitar os cabelos, fingindo não perceber a entrada de Moncorvo*)

Cena 3ª

Clotilde e Moncorvo

[fl.53v.] Moncorvo – Ilustríssima, folgo de encontrá-la.

Clotilde – (*voltando distraidamente a cabeça e continuando a pentear-se*)
Ah! estava aí?

Moncorvo – Más! Tanta calma é presságio de temporal. (*acendendo um charuto, senta-se comodamente junto a ela, conversa e fuma*)

Clotilde – Não, senhor, não há motivos e nem eu tenho direito a levantá-lo.

Moncorvo – Aí principia ele a desabar. Permita Deus que seja trovoadá seca.

Clotilde – Seca ou molhada é o que pouco lhe importa, porque se assim não fora, outro seria seu procedimento.

Moncorvo – Clotilde, não te convencerás de que ciúmes são o que há de mais estúpido no mundo?

Clotilde – Decerto para quem tem o coração embotado como [o] senhor, e faz do amor de uma mulher a distração de suas horas vagas.

[fl.54] Moncorvo – Repetes essa história tantas vezes que já a sei de cor.

Clotilde – (*largando o pente e o espelho e afastando-se de Moncorvo*) Faz favor de me não perfumar com a fumaça de seu charuto?

Moncorvo – Já me vou embora; porém, antes de me ir, por que é tanto espalhafato?

Clotilde – Por nada. Acha que se tem portado muito bem durante toda noite?

Moncorvo – E que tenho feito de mau?

Clotilde – Nada. Pensa naturalmente que ninguém notou o escândalo, que deu com a tal Sr.^a Viscondessa? Uma mulher velha e feia!..

Moncorvo – Sim? Reparou? É pena que não reparasse também nos requebros de certa pessoa, que nós conhecemos, com certo cavaleiro, que também conhecemos.

[fl.54v.] Clotilde – Isso é mentira.

Moncorvo – A senhora está primando em delicadeza.

Clotilde – (*sentando-se com mau modo*) E demais será melhor que o senhor olhe para quem lhe interessa de mais perto.

Moncorvo – Clotilde, falemos muito seriamente. Seja qual for o meu procedimento, ele não a autoriza a exprimir-se, como sempre o faz, acerca de minha mulher. Elvira é uma moça cheia de virtudes e não há nada, que se lhe possa lançar em cima.

Clotilde – Oh! decerto; e quem é que se atreve a falar de sua virtuosa esposa?

Moncorvo – Não sei de que a acusa para ser uma [serra?] viva contra ela.

Clotilde – E quem a acusa? Unicamente não acho muito agradável que o senhor esteja sempre a ati- [fl.55] rar-me à face o procedimento elevado de sua digna esposa, quando...

Moncorvo – (*enraivecido*) Quando o quê?

Clotilde – (*que tem mudado de tom e passa entre o sério e o irônico*) Quando muita gente diz o contrário.

Moncorvo – É uma infâmia de quem diz.

Clotilde – (*levanta-se*) Pode ser; mas há pessoas, que asseguram a existência de certas amáveis cartinhas...

Moncorvo – (*levantando-se impetuosamente*) Dá-me essas cartas, Clotilde; dá-me essas cartas, ou tu és uma caluniadora vil!

Clotilde – Aqui está a amostra (*atira a carta, que lhe dera Elvira, acima da secretária; Moncorvo lança-se a ela. Elvira [sic.]¹²⁹ contempla-o, sorrindo*)

Moncorvo – A letra de Carlos! (*amarrota a carta [fl.55v.] e atira-se sobre uma cadeira, apertando a cabeça nas mãos*)

Clotilde – Então que diz?

Moncorvo – Aquele homem! Aquele mulher! E eu cego que tanto confiava em ambos! E eu que conheço tão de perto a sociedade, persuadir-me de que um homem deixaria de requestar uma mulher por ela ser esposa de seu amigo. Louco! Louco! Mil vezes louco!

Clotilde – Queres agora deixar-te abater, Luiz?

Moncorvo – Que homem! Que mulher!

Clotilde – Meu amigo, que hás de fazer? Arrependo-me de haver-te entregado essa maldita carta...

Moncorvo – (*levantando-se com ímpeto*) Cala-te, demônio. Com astúcia infernal introdu- [fl.56] ziste-te em minha casa, donde todos os motivos deviam de afastar-te e aí te conservaste até lançares-me ao rosto a desonra e a vergonha. O que sinto é que sejas um ente débil e frágil que não hei de

129 No manuscrito, lê-se “Elvira”, mas, pelo contexto, sabemos tratar-se de Clotilde.

quebrar entre minhas mãos. Quiseste vingar-te da preferência, que sobre ti dei a ela, tua digna êmula. Mas o insensato fui eu em confiar-me de uma mulher, em chamar a um homem meu amigo.

Clotilde – (*olhando-o com desprezo*) O senhor é um covarde, insulta uma mulher, que não pode esbofeteá-lo.

Moncorvo – Suas palavras não me ofendem. Entretanto agradeço-lhe a revelação e saberei aproveitar-me dela (*sai*)

Clotilde – (*só – vendo-o sair*) Vai, meu amante. Quando me ultrajas-te, apresentando a bom mercado a minha reputação nos comentários [fl.56v.] das conversações, não te lembraste de que chegaria a hora da vingança. Ei-la que soa. Aí ta entrego maculada e infame a virtuosa donzela, que me preferiste. O autor da obra foi um teu amigo. Sinto requintar-se o prazer em repetir comigo mesma estas palavras – foi um teu amigo! Aí ta entrego, a minha boa discípula, que principiou, enganando a própria mestra: está perfeita. Adeus. Vou descansar porque o descanso é devido a quem tanto tem trabalhado. (*sai. Aparece uma criada à direita A e vendo Clotilde sair para e depois acena para dentro.*)

Cena 4ª

Carlos e uma criada

Carlos – Então a senhora ainda não se recolheu?

[fl.57] Criada – Ainda não. O senhor esconda-se naquele quarto. (*apontando para a porta da direita B*) Aí decerto ninguém entrará.

Carlos – E esse quarto tem alguma saída?

Criada – Tem uma janela que dá para o jardim.

Carlos – (*apontando para a porta do fundo*) Cerre aquela porta. (*a criada obedece*) Bem. Tome esta pequena lembrança e se de mais precisar, peça-me. (*abre a carteira e dá algumas cédulas*)

Criada – Obrigada. Eu espero que, se houver alguma coisa, o senhor não me comprometerá.

Carlos – Não; fique descansada. Ainda há muitos convidados?

Criada – Não, senhor.

Carlos – Pode-se ir embora (*sai a criada*) Finalmente!.. Não foi sem luta e ainda assim quem sabe o que acontecerá! Havia de ser engraça- [fl.57v.] do se o meu amigo Moncorvo entrasse agora. Que diabo lhe diria eu que vim cá buscar? Quando eu for velho e já nada quizer do mundo, ou, para melhor, quando o mundo já nada quizer de mim, hei de escrever dois

tratados, que se hão de intitular, um – Fisiologia da boa sociedade – e o outro – Arte de mentir. Muita gente de alto coturno há de mirar-se neles, como num espelho. Quanta anedota galante referirei!.. (*passeia, refletindo*) Mas se Elvira, surpreendida por minha presença, ainda que involuntariamente lançar um grito?.. Qual! Mulher nunca é surpreendida pelo homem, a quem ama. (*ri-se*) E esta realmente acreditará que a amo? Parece-me que vem alguém... Homem não é, porque ou- [fl.58] ço o ruído das saias. Metamo-nos na toca. (*entra no quarto*)

Cena 5ª
Elvira só

Elvira – Não o vi mais: é que se retirou e foi assim talvez melhor. (*senta-se meditativa junto à secretária*) Meu Deus! Que é isto que se passa em mim?.. Tudo tenho esquecido em meio da loucura, que se assenhoreou de mim e me arrebatou. Meu pai, meu marido, a memória de minha mãe tudo desapareceu a meus olhos deslumbrados não sei por que infernal clarão. (*insensivelmente vai tirando os enfeites*) Que deverei fazer? Se o encontrasse ainda... mas não é possível: todos já se retiraram e só restam os jogadores. (*dá um pequeno grito, ouvindo a voz de Carlos*) Ah!..

[fl.58v.]

Cena 6ª
Elvira e Carlos

Carlos – (*que sem ser sentido se tem aproximado até encostar-se à cadeira de Elvira e ouvir as últimas palavras desta*) E mais alguém.

Elvira – (*levantando-se e falando-lhe de mãos post[as]*) Vá-se embora, vá-se embora, Sr. Morato. Meu Deus! Meu marido pode vir de um momento para outro.

Carlos – (*vai dar volta às chaves das portas do fundo direita A*) Não há perigo de sermos surpreendidos; enquanto baterem, tenho tempo de lançar-me pela janela daquele quarto ao jardim.

Elvira – Como é que acha-se aqui? Eu não o autorizei...

Carlos – Elvira, perdoa-me, perdoa ao homem, que [fl.59] te ama com frenesi, com delírio...

Elvira - *(caindo em uma cadeira e tapando os olhos com as mãos)* Carlos!
Carlos! Tu me perdes!

Carlos - Perder-te! Eu perder-te, quando dera de bom grado a vida para poupar-te um gemido! Que podes recear?

Elvira - E a minha consciência? Como poderei levantar os olhos para o homem, que confiou sua honra à minha fidelidade? Como poderei encarar meu velho pai, como poderei, como poderei entrar em uma igreja sem recear que o povo se levante e me apedreje?

Carlos - A tua imaginação exaltada faz-te sonhar perigos, que não existem. Elvira, considera por um momento as coisas como são, e verás que no lugar das nuvens borrascosas, que se levantam [fl.59v.] em teu espírito, existe o íris rodeado de suas purpurinas e cerúleas cores. De um lado tens as recordações aflitivas de tua vida de senhora, contrastando fortemente com as tuas antigas ilusões de donzela, e do outro a esperança fagueira de um futuro risonho engastada nos mais ternos sentimentos da alma; de um lado as feições carregadas e o gesto frio de quem nunca te amou, e do outro o sorriso meigo de quem sempre te há de amar; de um lado tens um homem, que se diz teu marido, desprezando tuas graças e encanto pelos beijos vendidos nos prostíbulos, e do outro tens a mim, inebriando-me em tuas palavras, desejando alentar-me com o ar, que respiras, pedindo-te, como um bem supremo, que me lances um olhar, que me dediques um suspiro, se não de amor, ao menos de comiseração [fl.60] e condolência.

Elvira - *(levantando-se e indo a tapar-lhe quase a boca)* Cala-te, cala-te, que me fazes mal. Quando te ouço falar, sinto um torvelinho em minhas ideias, fico de tal modo fora de mim, que perco quase a consciência de que existo. Não deveras ouvir de meus lábios esta confissão, mas quero com ela provar-te a confiança, que em ti deposito e, desse modo, conseguir que te retires e me salves dos perigos, que me cercam, enquanto estiveres neste lugar.

Carlos - Para que desperdiçarmos em vãos temores o precioso tempo, que aproveitávamos, falando tão somente de nós e de nosso amor?

Elvira - Tem compaixão de mim. Que mais se pode exigir de uma mulher? Deixa-me ao menos acostumar-me à ideia de que amo um ho- [fl.60v.] mem, que não é meu marido! *(rumor de passos dentro)* Meu Deus! Foge, foge!

Carlos - Ao menos dá-me uma prova de teu amor.

Elvira - Carlos, pelo amor de Deus, vai-te.

Carlos - *(beijando-a na testa apesar desta)* Adeus.

Elvira - Ele se compadeça de mim! *(Carlos entra no quarto, ela limpa os olhos e procura mostrar-se tranqüila)*

Moncorvo – (*dentro, batendo na porta*) Abra. (*Elvira ainda comovida vai abrir. Moncorvo entra e fecha a porta sobre si*)

Cena 7^a
Elvira e Moncorvo

Moncorvo – Que fazia a senhora com as portas fechadas e quando em minha casa ainda há pessoas, a quem deve obsequiar?

[fl.61] Elvira – (*cobrando sangue frio*) Que diz, Moncorvo? Não posso compreender nem a maneira áspera, por que me fala, nem o motivo, que tem para isso.

Moncorvo – Não compreende? Deveras? Se fosse alguma infidelidade ao homem, que lhe deu o seu nome e a sua fortuna, haveria de compreender; não é assim?

Elvira – Meu Deus!

Moncorvo – Responda. Eis aí as lágrimas, que despontam, lágrimas mentirosas e infames!.. Quando fui buscá-la à casa de seu pai para dar-lhe uma posição, que não tinha; para cobri-la de joias que não possuía; para apresentá-la em uma sociedade, que não frequentava, que foi que me jurou a senhora aos pés do altar? Juraria porventura calcar aos pés e rebolcar na lama a honra do [fl.61v.] homem, que lhe dava a mão de esposo? Juraria cuspir em cima dos laços mais sagrados, que existem? Juraria desprezar todas as considerações e ser a amante de um dos amigos... (*rindo amarga e sarcasticamente*) de um dos amigos de seu marido? Responda, senhora; ou ainda me não compreende?

Elvira – Não, eu não o compreendo.

Moncorvo – Ainda não?.. (*agarra-a pelo braço, leva-a junto a uma vela e apresenta-lhe a carta*) Leia. Conhece aquele nome? Conhece esta letra?

Elvira – (*ocultando o rosto nas mãos*) Eu não sou culpada.

Moncorvo – (*forçando-a*) Mostre essas faces prostituídas, a ver se ainda são suscetíveis de corar. (*enquanto Moncorvo fala abre-se repentina-* [fl.62] *mente a porta do fundo, e aparece o brigadeiro, que avança para a cena e separa os dois. A porta fecha-se*)

Elvira – (*caindo quase sem sentidos sobre uma cadeira*) Ah!

Cena 8ª
Os mesmos e o brigadeiro

Brigadeiro – Todo homem que toca com a ponta dos dedos em uma mulher é um homem infame!

Moncorvo – *(que recuara diante do brigadeiro)* Esta mulher desonrou-me!

Brigadeiro – Esta mulher é minha filha!

Cai o pano.

[fl.62v.]

Ato 5º
(ano de 1850)

Pequena sala, em casa da baronesa de São João, decentemente ornada, mas sem luxo. Ao fundo um sofá baixo com almofadas e à esquerda uma porta, dando para fora do apartamento de Elvira; à direita outra, comunicando para um quarto. Deste mesmo lado uma pequena mesa. Janelas ao fundo. São 7 horas da noite.

Cena 1ª
Elvira – só

(sentada junto à mesa, lê a bíblia, à luz de uma vela. Tem o rosto opilado e as faces coradas, o [fl.63] corpo alquebrado; em suma, apresenta sintomas externos da hipertrofia de coração)

Elvira – *(lendo)* “E lhe disseram: Mestre, esta mulher foi agora mesmo apanhada em adultério. E Moisés na lei mandou-nos apedrejar a estas tais. Que dizes tu logo? Diziam, pois, isto aos judeus, tentando-o para o poderem acusar. Porém Jesus, abaixando-se pôs-se a escrever com o dedo na terra. E como eles perseveravam em fazer-lhe perguntas, ergueu-se Jesus e disse-lhes: o que de vós outros está sem pecado, seja o primeiro que a apedreje...” *(parando a leitura)* É porque Jesus entendia que só pode condenar-se a outrem quem vive extreme de culpas; é porque em sua divina bondade tinha sempre um olhar de com- [fl.63v.] paixão para a humanidade pecadora. Porém eles me condenaram; essa sociedade, tão cheia de podridão, lançou-me o estigma de sua reprovação! *(fecha a Bí-*

blia) E ninguém sabe, ninguém avalia as longas agonias, que foram os precursores da profunda desgraça, em que vivo abismada! (*dão 7 horas*) Sete horas e ainda Joana não voltou! (*vai à porta da direita e olha para dentro por um instante*) Pobre inocente! Dormes tranquilamente sem ao menos suspeitares do que se passa em redor de ti! Deus te faça mais feliz do que tua mãe! (*entra Joana*)

Cena 2^a
Elvira e Joana

[fl.64] Elvira – Eis-te finalmente de volta, Joana! Trazes-me alguma notícia boa? (*Joana permanece calada*) Não quis receber-te?.. Expeliu-te talvez...

Joana – Não, senhora, não estava em casa.

Elvira – Não te acredito; tua amizade por mim é que te inspira essas desculpas para eu me não afligir.

Joana – Não, senhora, estou certa de que havia saído porque, não querendo fiar-me no que me diziam, entrei e fui ao gabinete: não estava. Esperei muito tempo e vendo que não chegava, vim-me embora.

Elvira – Fizeste bem: voltará daqui a dias e tornarás a trazer-me a mesma resposta.

Joana – Tinha uma boa notícia para dar à senhora; porém tenho medo que se assuste e lhe faça mal.

[fl.64v.] Elvira – Podes dar; se as más notícias não me fazem mal, como hão de fazer as boas?

Joana – Em caminho para casa encontrei com quem menos esperava.

Elvira – (*um pouco comovida*) Com quem? Com ele?

Joana – Não, senhora, com o Sr. Eduardo.

Elvira – Eduardo!.. Tu viste Eduardo? Estás certa?

Joana – Sim, senhora, porque falei com ele! Indagou muito sobre a senhora; como estava, onde vivia e disse-me que havia de cá vir hoje mesmo.

Elvira – Deus o traga. Eduardo! Eduardo no Rio de Janeiro!

Cena 3^a
As mesmas e a baronesa

Baronesa – Então, minha filha, que resposta trouxe [fl.65] Joana?

Elvira – A mesma de sempre.

Baronesa – Não quer vir?

Joana – Não, senhora, tinha saído.

Baronesa – Tem certeza?

Joana – Sim, senhora.

Baronesa – Ultimamente não se pode dizer que seja propósito em de cá não vir. É um acaso de sempre mandarmos em má ocasião.

Elvira – Não lhe parece muito acaso, madrinha?

Baronesa – Sempre tiveste um gênio apreensivo e o médico tem-te dito muitas vezes ser essa a sua maior moléstia.

Elvira – Avalio as coisas, conforme são. Obrigada, Joana, vai descansar. (*Joana sai. Elvira senta-se chorando*) Por que me não mata Deus?

Baronesa – Minha filha, tem paciência. Deus não permite que se penetrem suas vistas: a ele, que nos [fl.65v.] criou, cabe o chamar-nos a si, quando lhe apraz. Todos nós neste mundo, a exemplo do Redentor, havemos de carregar a nossa cruz.

Elvira – Porque eu já não posso; minhas forças estão esgotadas, tenho sofrido em demasia!

Baronesa – Tens ainda uma larga vida diante de ti...

Elvira – Para ainda mais largamente sofrer.

Baronesa – Não; para que Deus se compadeça de ti e te perdoe; para que vivas, se não feliz, ao menos livre de grandes dores.

Elvira – Não me embalo nessa esperança. Existe comigo, há muito, e me acompanha uma amiga, que breve me livrará de meus sofrimentos.

Baronesa – É necessário mais resignação, Elvira. És [fl.66] infeliz, não o nego; foste ferida no que tem de mais santo e nobre uma mulher – foste ferida em teu amor e em tua honra; arrancaram-te a alma aos pedaços é uma verdade; mas porque os outros concorreram todos para infelicitarem-te, segue-se que devas também entrar nessa cabala com a tua cota-parte?

Elvira – Madrinha, é um crime contra a majestade divina, mas confesso-lhe que, a não ser minha filha, há muito que me teria deixado morrer.

Baronesa – Parece que tresvarias. O que acabas de dizer é mais do que uma loucura, é uma vergonha. O suicídio é sempre um crime e tanto mais repugnante quanto menos justificados são os motivos, se é que há motivos que justifiquem tal atentado.

[fl.66v.] Joana – (*entrando*) Está aí uma pessoa, que deseja falar à Sr.^a Baronesa.

Baronesa – Mandê entrar para a sala. (*sai Joana*) Vou ver quem me procura. Espero que a reflexão banirá de teu espírito as loucas ideias que, há pouco, expendeste.

Elvira – Já lhe disse, madrinha, que minha filha defendia-me de mim mesma.

Baronesa – Mas é necessário que saibas que a ideia fixa mata da mesma forma que o veneno. (*sai*)

Elvira – (*só*) Pobre velha! Por que não segui sempre teus conselhos?.. Eduardo!.. Eduardo!.. Vou tornar a vê-lo! Quando o conheci, há dez anos, tinha eu então dezesseis, era uma moça, cheia de vida; amei-o e fui amada, sonhei com o futuro, como se sonha com flores e alegrias e de tudo isso, de tantas ilusões, [fl.67] de tanto amor que resta hoje? Um coração mirrado pelo sofrimento, um corpo já cadáver, galvanizado talvez pela própria dor, e uma inocente, minha pobre filhinha!.. renegada por seu pai! Oh! meu Deus! por que tão severa punição?.. (*entra no quarto limpando os olhos*)

Cena 4ª

A baronesa e Eduardo

Baronesa – (*continuando a conversa já encetada*) Assim, vai arrastando uma dolorida existência.

Eduardo – Felizmente encontrou ela uma segunda mãe, que a acolhesse, a amasse, que em suma perfeitamente substituísse aquela, que lhe deu o ser e que tão cedo a desamparou sobre a terra.

[fl.67v.] Baronesa – Vi-a nascer, quase que a criei, fui amiga de sua mãe, como, pois, não acolhê-la, quando os próprios, que foram seus carrascos, lhe voltavam as costas?

Eduardo – (*tristemente*) Que outros poderiam ser os destinos dessa mísera moça?

Baronesa – Há seis anos, eu previa o que se passa; há seis anos profetizei a esse pai severo e obstinado a desgraça, que acabrunha a pobre Elvira; e creia-me, doutor, que presentemente me arrependo de tê-la com meus conselhos talvez afastado da resolução, em que estava, de recusar o – sim –, quando o sacerdote a interrogasse.

Eduardo – Oh! Sr.ª Baronesa, que recordações dolorosas me desperta a senhora! Dessa recusa pendeu também meu destino. Seguro pela promessa feita, de balde esperei [fl.68] a notícia do rompimento do contrato, até que afinal soube que Elvira já não podia ser minha. Como eu amaldiçoei-a! Por muito tempo evitei encontrá-la, mas um acaso colocou-a diante de meus olhos, coberta de sedas, resplandecente de brilhantes. Fixei-a atentamente, procurei descobrir em suas pálidas faces o segredo da

morbidez que se lhe desenhava no semblante e errei. Atribuí à fadiga das funções o que era consequência de uma dor; julguei sua vida atual um insulto cuspidado sobre o passado. Médico, não soube reconhecer um padecimento da alma; homem, irroguei uma injúria a quem não a merecia. Baronesa – É um perdão, que tem de lhe pedir.

Eduardo – Sim, senhora, é um perdão, que tenho de lhe pedir; porque eu devia de saber que muitas vezes os lábios sorriem, quando as lágrimas estão [fl.68v.] quase borbulhando nos olhos; eu devia de saber; eu, homem de sociedade, eu, médico, que estudei fisiologia, que a vida da mulher não pode ser estudada nos salões dos bailes, mas, sim, no recolhimento do lar doméstico. Mas diga-me, Sr.^a Baronesa, Vossa Excelência que a ama, como sua mãe, que um dia me julgou digno de ser também seu filho, diga-me o que há de verdadeiro nas acusações, que lhe fazem. Tire-me desta dúvida, contra a qual se levantam minhas recordações de outrora, mas a que se não pode esquivar o meu espírito. Reconheço a inconveniência da pergunta, reconheço que não a posso dirigir, porque nenhum direito me assiste, porque nenhuma pretensão me é possível conservar; mas quero convencer-me de que nunca foi poluída [fl.69] a imagem, que sempre adorei. A sua voz será sagrada para mim e embora apareçam depois as mais evidentes provas recusarei dar-lhes crédito.

Baronesa – Doutor, há circunstâncias, na vida de uma mulher, que nem ela mesma as sabe explicar. Elvira cometeu porventura alguma falta, não um crime, e essa falta ela a tem expiado bem duramente. O que lhe assevero é que se a julgasse culpada e indigna de perdão, acolhê-la-ia, como um ente desgraçado, mas não a apertaria a meu seio, não a chamaria minha filha.

Eduardo – *(tomando-lhe a mão com efusão)* Como lhe fico agradecido! É um peso imenso de que me alivia.

Baronesa – Vou preveni-la de sua chegada. Até [fl.69v.] depois, doutor. *(ele cumprimenta-a e ela sai)*

Eduardo – *(só)* Eis as consequências funestas dos casamentos de dinheiro! Calcam-se as considerações, desprezam-se os sentimentos e num século de luzes todas as cabeças curvam-se ao ouro! Verdugos de meu amor[,] por que não posso quebrar-vos entre as mãos[?]

Cena 5^a
Eduardo e Elvira

Elvira – *(para por um instante à porta e depois corre a lançar-se-lhe nos braços)* Eduardo!

Eduardo – Elvira?

Elvira – Bendito seja Deus, Eduardo, que te restitui a mim! (*leva as mãos ao seio e fala quase sufocada*) Senta-me, senta-me. (*ele senta-a um pouco desfalecida*) [fl.70] Eduardo – Que é o que sentes?

Elvira – Nada; já passou. Em que estado mau encontra-me! Reconhecer-me-ias se em outro lugar me visses?

Eduardo – Por que não? Estás um pouco alquebrada, porque andas adoentada, segundo disse-me a baronesa.

Elvira – (*sorrindo tristemente*) Adoentada? És médico e conheces os sintomas das moléstias. Olha para minhas faces opiladas e coradas; vê este pulso como que vibrando debaixo de teus dedos, escuta estas palpitações (*pondo a mão dele sobre o coração*) e repete que estou adoentada. Mas dize-me, que é feito de ti? Por onde tens andado?

Eduardo – Viajei. Tendo de partir, procurei-te para despedir-me em casa de teu pai: disseram-me que já não estavas e não me deram mais [fl.70v.] notícias tuas. Há dois anos, que estou ausente do Rio de Janeiro.

Elvira – Viajaste muito? Onde estiveste? Foste à Itália; a essa poética Itália, sobre a qual tanto conversávamos nos nossos belos dias? (*limpando os olhos*) Que viste por lá? É com efeito a terra que pintam os poetas, de céu límpido e claro e águas azuladas e plácidas? É ainda a terra, que viu Eleonora e Laura, Petrarca e Dante? Fala-me da Itália. Lembras-te dos planos de viagem a ela, que fazíamos?

Eduardo – A Itália é ainda a terra das maravilhas do passado, que brevemente serão as ruínas do presente. Corri a Itália, a Inglaterra, a França e a Alemanha e tudo minuciosamente te descreverei ao depois. Cheguei, há poucos dias, e indagava notícias tuas, quan- [fl.71] do hoje casualmente encontrei Joana. [Não] pude sofrer a impaciência de ver-te e vim imediatamente. Como te achas aqui? A baronesa contou-me por alto o que se passou naquela noite fatal e que vendo-te desamparada acolhera-te à sua casa.

Elvira – É uma longa e dolorosa história, mas que te referirei em poucas palavras. Já sabes da cena terrível do baile, em que fui salva pela presença de meu pai.

Eduardo – Sei.

Elvira – Levou-me para sua casa, donde saiu imediatamente. Dois dias depois escreveu-me dizendo (*como que pesando as palavras*) que ambos não podíamos habitar debaixo do mesmo teto.

Eduardo – Oh!

[fl.71v.] Elvira – (*em lágrimas*) Meu pai repudia-me, Eduardo!... Só no mundo, sem abrigo, nem arrimo, com uma inocente nos braços, a quem

seu pai também repudia, procurei a Sr.^a Baronesa de São João, minha madrinha de batismo, expus-lhe quanto se havia passado, sem omitir uma palavra patenteei-lhe as culpas que eram minhas e alheias e ela acolheu as duas enjeitadas.

Eduardo – E nunca tentaste reconciliar-te com teu pai?

Elvira – Tenho feito quanto é humanamente possível, mas ele tem-se conservado surdo às minhas súplicas.

Cena 6^a

Os mesmos e Joana

[fl.72] Joana – Acabaram de trazer esta carta para a senhora.

Elvira – Uma carta para mim? De quem?

Joana – O portador não disse de quem era.

Elvira – Dá-me: responderei depois. (*Joana entrega-lhe a carta e sai. Elvira conserva-a em sua mão, continuando a conversa com Eduardo*) Compreendes a posição desesperada, em que estou. Sinto a morte aproximar-se...

Eduardo – Elvira!..

Elvira – Meu amigo, não nos iludamos. Conheces o que é a hipertrofia do coração, e também eu. Em outros tempos e por mera distração de horas vagas li alguma coisa a respeito: não posso, portanto, ser iludida. De um momento para outro expirarei em uma sufocação e fica minha filha [fl.72v.] órfã, tendo por único amparo quem tampouco pode viver. Deus compadeceu-se de mim, enviando-te.

Eduardo – Elvira, assevero-te que quando a desgraça cair sobre a cabeça de tua filha, ela há de encontrar-me a seu lado para ampará-la. Mas isso ainda está longe.

Elvira – O céu te abençoe, Eduardo, porque fará uma obra meritória, acolhendo a filha de uma mulher, que nunca foi maculada. Minha cabeça desvairou-se, é verdade, mas juro-te que esse desvario não chegou até a desonra. O mundo e a sociedade cobrem-me de calúnias e injúrias; crê, porém que sou mártir e não ré confessa e condenada.

Eduardo – Nunca te supus tal e escusado era esse pro- [fl.73] testo. Para o que se tem passado já nada podemos; tratemos, portanto, do presente e do futuro. [Cumpre?] curar teu pai. Causa primária de quanto tem padecido, a ele cumpre dar o remédio. Por ora estás bem em casa da baronesa, mas é necessário que te reabilites para com a sociedade e o único meio, que vejo, é a reconciliação com teu pai. Homem de princípios muito rígidos, estendendo-te a mão é porque estás justificada. Falarei também a Henrique.

Elvira – Henrique há muito que está no sul e se ele cá estivesse, meu amigo, como sempre foi, talvez que outra fosse a minha sorte. Procura meu pai, fala-lhe, não por mim, mas por aquela criança, que não pode, que não deve de ser responsável pelas faltas, que porventura cometi.

Eduardo – Estou persuadido de que teu pai me atenderá; [fl.73v.] quando, porém, seja surdo à compaixão e se não deixe mover por minhas palavras, então Elvira, encontrarás em mim o homem, que nasceu para ti e de quem o destino separou-te. (*levanta-se para sair*)

Elvira – (*levanta-se também*) E como te poderei retribuir?

Eduardo – Considerando-me teu irmão e aceitando de mim o que de Henrique aceitarias. Adeus, dentro em breve aqui estarei a dar-te parte de minha comissão. (*aperta-lhe a mão sorrindo e sai*)

Elvira – (*tendo-o levado à porta*) Vai, meu bom Eduardo, e sê mais feliz do que eu tenho sido. De quem será esta carta? (*chega-se à vela e lê a assinatura*) Clotilde!.. É impossível: eu li sua [*ilegível*] (*torna a ler*) Clotilde!.. Que me quer esta mulher? (*lê*) “Elvira. Permite-me que ainda [fl.74] te atue, como no tempo, em que tanta amizade me dedicavas. É uma mulher que, nos [paroxismos] da morte, pede-te perdão neste mundo, esperando que Deus também lho concederá no outro. Em meu procedimento para contigo o mau sentimento da vingança foi que me guiou. Não compreendes a razão: vou dizê-la. Teu marido repudiou minha mão: para vingar-me, procurei perverter-te a alma. Carlos era meu amante, abandonou-me por tua causa: denunciei-te. Sou, pois, a origem de todas as tuas infelicidades. Perdoa-me. Há vinte e quatro horas que me revolvo em ânsias, sem poder exalar o último suspiro; é o teu perdão, que me falta. Lembra-te de que Jesus Cristo perdoou a seus inimigos. Adeus – nunca mais nos veremos. Clotilde.” (*fica como que extática, contemplando a carta por alguns [fl.74v.] segundos*) Deus te perdoe, como eu te perdoe. (*senta-se meditativa e levanta-se logo depois*) Como o peito me anseia. (*vai encostar-se no sofá*) Falta-me o ar! Vou abrir esta janela. (*quer levantar-se e não pode*) Que fraqueza! Não posso levantar-me! Ai! Parece-me que morro. E minha filha!.. E Eduardo que não voltará tão cedo!.. Joana! (*continua sempre ansiando como que faltando-lhe a respiração*) Joana!

Cena 7ª

Elvira, Joana e depois a baronesa e uma
menina de cinco para seis anos

Joana – (*correndo para ela*) Que tem, senhora?

Elvira – Não sei. Vai chamar minha madrinha e traze-me Elvira. (*sai Joana*) Meu Deus! Será a morte, que chega?.. Que aflição! Oh! [fl.75] como livrar-me deste tormento!

Baronesa – (*entrando apressada*) Mandaste me chamar, Elvira? (*Joana atravessa a cena e entra no quarto, donde sai com uma menina de 5 para 6 anos. Entrega-a a Elvira, que a conserva sempre junto a si e a beija de quando em quando*)

Elvira – Sim, madrinha. Creio que estou a expirar e quero pedir-lhe que continue a estender sobre a órfã a proteção, com que amparou a mãe.

Baronesa – Minha filha!

Elvira – Não me queixo, madrinha. A vida era para mim um peso e vou ser aliviada.

Cena 8ª

Os mesmos, Eduardo e depois o brigadeiro

[fl.75v.] Eduardo – Trago-te boas novas, Elvira.

Elvira – És tu, meu amigo? Estava sofregamente esperando-te para recomendar-te minha filha.

Eduardo – Que dizes?

Elvira – A verdade. Recebi uma carta de Clotilde, que em seu leito de morte pede-me que lhe perdoe. Essa carta, a comoção, que senti ao lê-la, talvez as recordações que veio despertar-me, prostraram-me, acabaram de apagar a luz, que já crepitava próxima a extinguir-se. (*estende-lhe o braço*) Vê como o pulso vai reagindo. Aí fica minha filha: tu olharás para ela, não é assim? Talvez que meu pai não a repila, como me tem repellido.

Eduardo – Elvira, minha amiga, não te deixes abater: o que sentes é uma crise passageira pro- [fl.76] veniente das agitações, por que hoje tens passado. Teu pai não te repele, ao contrário. Saindo daqui encontrei-o em caminho: vinha para abraçar-te e levar-te consigo.

Elvira – (*por um esforço supremo levanta-se, mas cai imediatamente desfalecida nos braços de Eduardo, que a deita no sofá*) Meu pai! Meu pai!

Brigadeiro – (*entrando*) Elvira, minha filha! Eis aqui teu pai, que vem pedir-te perdão, porque ele é o principal, senão único culpado.

Elvira – Meu pai, vem finalmente o senhor ver sua filha! Morro assim mais satisfeita.

Brigadeiro – Viverás, viverás para esquecer o passado, para ser feliz, porque já não existe.

Elvira – *(fitando os olhos em seu pai)* Morreu!.. Ele também?.. Vão reunir-se os cúmplices [fl.76v.] para darem contas a Deus. A hora se aproxima: eu morro. *(apresentando-lhe a menina)* Meu pai, quero apresentar-lhe sua neta. Aqui a tem: eduque-a, mas peço-lhe pela memória de minha mãe que a não obrigue a casar contra vontade. Eduardo, tu lhe servirás também de pai.

Eduardo – Elvira, eu jamais hei de esquecer de que ela é tua filha.

Elvira – Obrigada, meu amigo. Madrinha, eu relatarei no céu à minha mãe quanto lhe devo. Adeus, Joana; fica Elvira para cuidares dela; adeus, Eduardo; meu pai abençoe-me. Agora tu, meu anjinho. Deixa-me beijar-te ainda uma vez. Quando fores moça, pede que te contem a história de tua mãe e sirva-te ela de exemplo, [fl.77] quando souberes rezar, reza por mim, que vou pedir a Deus que não pagues as minhas culpas. *(fazendo ainda um esforço para beijar a filha, expira)*

Brigadeiro – Deus te abençoe, minha filha. *(Eduardo e Joana estão de joelhos; a menina debruçada sobre o corpo de sua mãe; a baronesa, sentada ao lado do sofá, chora; o brigadeiro de pé tem as mãos estendidas sobre a cabeça de sua filha)*

Cai o pano.

Fim

[nota do censor: Visto pela censura.

Rio, 13 de abril de 1862

F. J. Bethencourt da Silva.

Secretário]